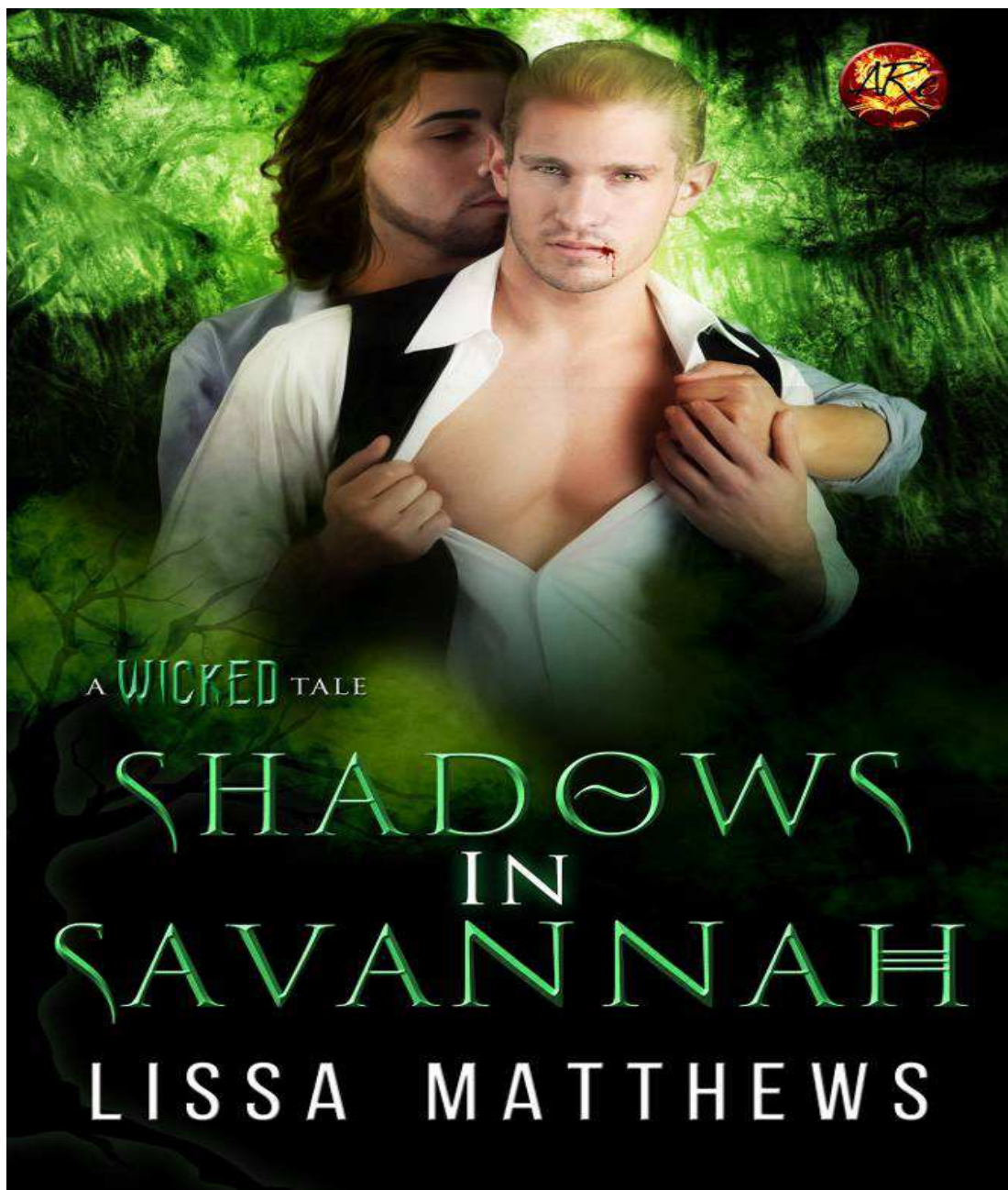




SÉRIE UM CONTO PERVERSO – SOMBRAS EM SAVANNAH

Disponibilização: Mimi

Revisão Inicial: Angélica

Revisão Final: Mimi

Gênero: Homo / Sobrenatural





Na perspectiva de amor vale a pena morrer por isso?

Vampiros existem, e viajam através do espaço e do tempo. Imortais, belas criaturas. Nem morto, nem vivo.

Dane não tem memória de ser humano. Ele só se lembra de acordar depois de ter sido involuntariamente transformado. Ele fica com um pergaminho, com uma única linha escrita sobre ele: seu aniversário humano. Para isso um dia por ano, ele pode viver e morrer como um ser humano. Ele está pronto. Está na hora. 126 anos depois de se tornar um vampiro, ele está pronto para morrer.

Quando ele conhece Jorge, com sua escura, boa aparência e brilhantes olhos azuis, Dane reconsidera sua escolha. Ele pode pegar de volta a vida que foi roubada dele, morrendo? Ou pode fazer uma vida com uma alma gêmea que ele nunca imaginou ter?



COMENTÁRIOS DA REVISÃO

ANGÉLICA

Sabe aquele livro curto completo, que conta tudo que você quer saber e fica querendo mais? É este.

História bem contada, verossímil. Personagens cativantes e apaixonantes.

A autora foi perfeita, contando em um livro de 60 páginas, o que muitas penam e nos desgasta em um de 200.

Amei o enredo, o casal e acho que foi tudo muito bem colocado. Bom... como não sou uma pessoa satisfeita... quero a história de Roberto. Acredito que ela deixou uma pulga para ser exterminada. kkkk

MIMI

Amei. Lindo livro. Só nos leva a acreditar que nem tudo está perdido e que as cada coisa tem seu tempo e hora para acontecer, seja na tragédia ou na felicidade sempre devemos aprender com as vontades acima de nós. Vale a pena e com certeza entra na minha lista DOS MELHORES.



Capítulo Um

Havia um frio incomum na noite do ar cedo de *Savannah* em outubro. Não era bem no meio do mês, ainda. Dane podia senti-lo, mesmo com a sua... *Condição*. Ele sorriu, um toque irônico aos lábios. *Sua condição*. Certo. Isso é o que era. Como algo que ele poderia acordar sem um dia.

Só que ele nunca acordou a partir disto. Foi lá, esse pesadelo que chamou de ser, esta existência que nunca termina. Ele não era nem morto, nem vivo. Ele sobreviveu no sangue e carnes cozidas muito mal passadas. Ele tinha dinheiro, mais do que sabia o que fazer com isso, mais do que poderia gastar em três vidas. Ele podia andar à noite e nas primeiras horas antes do amanhecer. Ele poderia até mesmo estar fora ao meio-dia, desde que nunca pisasse na luz solar direta. E com os avanços da ciência, poderia parecer ter um bronzeado suave, com uma aplicação regular de loção de autobronzeamento.

Ele não era como os vampiros lendários e ficcionais em livros e filmes. Bem, não inteiramente. Ele podia sentir, paladar, olfato, embora a maioria das coisas se sentisse estranha contra as pontas dos dedos, gosto amargo ou excessivamente doce em sua língua, cheirava como...? Ele não tem uma palavra para descrever os cheiros. Nem acre e nem encantador. As coisas simplesmente... Cheiravam.

Uma explosão de gargalhadas chegou aos seus ouvidos e ele se virou de onde estava contra a borda da passarela, meros pés acima da água. Seu restaurante e pub estavam em boa forma esta noite. Foi uma das várias empresas que possuía sob uma empresa mãe, que ele tinha formado há alguns anos. Todo mundo era de propriedade de outra pessoa, por isso não parecia estranho a ninguém que sua empresa possuía um bar, um hotel, e uma livraria. Há várias outras pequenas empresas que lhe pertenciam ou são investidos dentro, mas os três primeiros foram os fabricantes de dinheiro.



A livraria tinha sido uma surpresa. Ele gostava de ler, especialmente históricos, literatura erótica vitoriana, e cartas de soldados que tinham morrido em campos de batalha. Ele não esperava que o lugar fizesse algum dinheiro, mas então não tinha contado com o número de pessoas que amavam os mesmos livros, tipo como ele fez. Ele também tinha uma seção de famílias locais que *Savannah* tinha emprestado partes de suas bibliotecas pessoais a ele em exibição. Eles eram muito parecidos com peças de museu. Principesco, frágil, requintado.

A livraria foi onde ele passou a maior parte de seu tempo, falando de livros e lugares que tinha viajado, mostrando os volumes que trouxe de volta a partir de várias partes do mundo. A livraria era a sua paixão. Era a única coisa que ele tinha que o impediu de dar o passo que estava se fechando sobre ele mais uma vez.

Morte.

Seu aniversário humano era um dia por ano, ele e todos os outros vampiros se transformavam plenamente humanos. Eles poderiam fazer qualquer coisa de qualquer outra carne, sangue e coração batendo, que uma pessoa poderia fazer. Mesmo morrer.

Oh, ele poderia morrer a qualquer outro momento, também. Tudo o que tinha a fazer era entrar em uma corrente ao meio-dia, a luz solar e a força da vida que lhe mantém juntos se desintegraria, e seria nada mais do que vapor. Não iria chiar e queimar. Tinha sido dito que ele mal sentiria nada. Se isso era verdade ou não, ele não sabia. Mas estava cansado, se sentia como se a sua alma, o que restou dela, fosse esticada e fina a ponto de desenrolar completamente. Vampiros poderiam ir loucos e havia dias, horas, onde achava que só podia.

Em seguida, iria perder-se em um livro e o sentimento passaria, calma iria resolver, e ele ficaria bem. Esses tempos foram passando mais rapidamente do que costumava e algo lhe disse que o fim estava próximo. Os vampiros eram imortais, mas aqueles feitos contra sua vontade sentiram o chamado da morte, de maneiras que aqueles foram feitos de boa vontade, nunca fizeram.

Ele estava chamando para isto.



O pensamento o encheu de paz, no entanto. Ele não sabia o que estava do outro lado, mas às vezes não se importava. Poderia ser nada ou poderia ser o Inferno.

Outra rodada de riso do bar cumprimentou-o conforme fez o seu caminho de volta em sua direção. Ele checkou com o gerente, em seguida, subiu as escadas até seu apartamento de cobertura em seu hotel. Esse era outro mito que os livros e filmes erraram. Ele não dormiu em um calabouço úmido e escuro longe da luz. Ele dormiu em uma cama maravilhosa em um quarto cheio de janelas que dava para o rio. Ele dormia mais tarde do que imaginava que a maioria das pessoas fez, mas acordou, limpo, vestido, e café fixo, assim como uma pessoa normal faria.

Ele adorava café. Era escuro, rico, e o gosto amargo quando o fez forte o suficiente, era o paraíso na sua língua.

Estava prestes a entrar no interior do restaurante, quando uma sensação de estar sendo observado caiu sobre ele. Ele baixou a mão da porta e olhou de lado a lado. Nada se destacou, ninguém parecia estar prestando-lhe toda a atenção em tudo. Depois de mais alguns momentos, ele balançou a sensação fora e entrou.

"Richard." Disse ele, estabelecendo uma mão no ombro de seu administrador. "Como estão as coisas hoje à noite?"

"Não poderia estar melhor. O *tartare surf 'n turf*¹ foi um sucesso surpreendente. Eu sei que não achou que isto iria funcionar, mas, mais uma vez, você parece conhecer melhor o paladar dos clientes."

Dane sorriu. "Eu tenho um jeito com isso, não é? Mas você? Você tem um jeito com a multidão do bar. Eles estão de bom humor." Richard sorriu sob o louvor merecido. Dane lhe



1



tirou de um dos restaurantes mais proeminentes em *Charleston* e, embora Richard tivesse sido cético em relação ao movimento e o dinheiro que tinha sido oferecido, o movimento tinha acabado por ser uma das melhores decisões de negócio que qualquer um deles tinha feito.

"Despedida de solteiro. Eles estão em seu caminho para um clube mais tarde."

"Bem, não os deixe ficar muito bêbados. Eu não quero ser responsável, se algo acontecer entre aqui e ali, porque nós os alimentamos com muito álcool."

"Sempre preocupado. Eu não conheço muitos homens como você."

Você não conhece qualquer homem como eu, pensou Dane. "Vou lá em cima. Vou estar por um tempo ainda, então me ligue se precisar de alguma coisa."

"Vou fazer."

Houve uma saída através da cozinha que ele poderia usar para entrar na cozinha do hotel, no entanto, escolheu refazer seus passos fora novamente. Aquela sensação de estar sendo observado tomou conta dele, assim que surgiu no ar da noite.

Ele não temia a quem quer que fosse. Ele não temia ninguém em mais anos do que poderia contar. Na verdade, ele não sentia medo de nada em tudo.

Não, ele estava curioso. Quem iria observá-lo, e por quê?

Com movimento e exatas intenções deliberadas, Dane escalou a escadaria espiral, de ferro forjado que o levaria para a varanda ao nível da rua do hotel. De frente para o rio, havia um segundo andar, mas para alcançar o terceiro, quarto e níveis de cobertura, Dane teria de entrar no edifício.

Mas ele não o fez. Se sentou em uma das cadeiras de balanço que ladeava a varanda e olhou para fora sobre a água, ao mesmo tempo mantendo um olho, ou orelha, para fora de quem o observava.

Ele queria gritar que sabia que a pessoa estava lá, mas não queria parecer uma porca, no caso de... Não, não havia no caso. Ele não estava imaginando coisas. Havia alguém lá. Nas sombras.



Ele esperou até que o ar começou a embalá-lo em uma sensação de calma. Ele nunca chegou à tranquilidade, mas houve momentos em que chegou perto. Sendo observado por um estranho, por alguma razão inexplicável, o fez sentir que isto importava. Talvez a pessoa quisesse dizer-lhe mal, e talvez não. Mas algo sobre Dane importava para os olhos que não se desviavam dele e pela primeira vez no que parecia sempre, ele não era invisível. Não era apenas outro morador de *Savannah*. Ele não tinha rosto.

E ansiava por isso. Importava-se. Nunca tinha percebido isso antes desse momento, mas quando se levantou da cadeira e caminhou dentro do hotel, ele sabia que tinha importância.



Capítulo Dois

Jorge gostou do homem. Pálido. Aquele que era exatamente como ele, só que mais bonito e elegante. Jovem. Ele podia sentir a confusão do vampiro a ser observado e não ser capaz de ver quem estava fazendo isso. Jorge também podia sentir uma medida de euforia que vinha do homem, pouco antes dele desaparecer dentro do prédio.

Ele deslizou as mãos nos bolsos e virou para baixo da rua de paralelepípedos, fazendo o seu próprio ato de desaparecimento.

Os cidadãos das cidades que visitou nunca o viram a menos que ele quisesse que vissem, e isto aconteceu raramente. Ele estava feliz fora da vista. Às vezes, gostava de fazer arrepiar a pele com mal-estar, cabelos em pé para fora de um medo incerto, uma onda de tecido que nunca deveria ter movido, causando questão e suspeita. Esse era o seu entretenimento.

E até hoje à noite, até que tinha visto o homem bonito, isto tinha sido o suficiente.

As escadas de paralelepípedos levando a um nível mais baixo, não mais usada da passarela, colocando-o na frente de um portão de ferro desconsiderado, para além do qual estavam os túneis infames sob a cidade de *Savannah*.

Ele tinha ouvido as histórias. Os mitos, fábulas e histórias de fantasmas. Ele tinha ouvido todas as negações e explicações de por que nada disso poderia ser verdade. Mas não tinha sido satisfeito. Ele queria ver, explorar por si mesmo e ser uma criatura da noite, e foi capaz de fazê-lo sem ser visto, ouvido, e relativamente despercebido.

Havia outros nos túneis. Outros como ele. Outros nem tanto. Não era de admirar que *Savannah* manteve uma tampa tão apertada sobre seus segredos escondidos. Era fascinante, o submundo escuro de tal cidade valorizada pela sua beleza e encanto do Sul.



Não importava que muitas das criaturas abaixo as ruas da cidade poderiam esconder-se, quando eles desejavam ou foram forçados a fazê-lo. Eles estavam lá e muitos dos clientes da cidade sabiam disso. Ou, pelo menos, suspeitavam fortemente.

Dentro dos túneis havia portas e labirintos que se tornaram mais complexos, mais elaborados, quanto mais profundo foram.

Ele poderia jurar que era uma cena de um filme, se não tivesse visto isso por si mesmo. Ele tinha um *Fantasma da Ópera* nele, se sentindo que foi assombrado e cheio de admiração.

Ele sempre foi pego de surpresa quando algo poderia exceder as suas expectativas, quando um lugar poderia roubar o fôlego e iluminar sua alma. Ou, fazê-lo pensar em prosa, em vários tons de roxo.

Jorge virou à direita na primeira curva do túnel, em seguida, através de outro menor portão.

Ele andou paralelo ao rio e, embora não tinha se aventurado lá, ouviu de alguns túneis que levam diretamente sob a água. Talvez os visitasse. Talvez não.

As pequenas ondulações lavavam contra os paralelepípedos a partir do exterior. No interior, as passarelas foram pavimentadas exatamente como a cidade histórica acima. Incluindo as paredes.

Algumas áreas úmidas escorriam para o rio ou a água da chuva, mas muitos eram simplesmente mofos e refrigeradas de ser subterrânea.

Conforme ele viajou mais profundo, vozes e risos estenderam a mão para ele, ecoando nas cavernas de pedra. Ele seguiu os sons.

"*Mi Amico Jorge.*"

Roberto, um vampiro que remonta ao século XVII, onde ele tinha sido um nobre rico, sorriu enquanto Jorge abaixou a cabeça e entrou na sala iluminada por velas. Tapeçarias antigas penduradas nas paredes, descrevendo vinhedos na *Itália*. Tambores de vinho alinhados na parede mais longa e Jorge imaginou que estavam cheios de sangue. A maioria



dos vampiros poderia treinar-se a tomar líquidos ou alimentos em quantidades muito pequenas, como eles poderiam uma vez quando eram humanos, mas Roberto precisaria de sangue rico para se sustentar.

"Boa noite amigos. O que estamos comemorando?"

"Por que, como é bom estar vivo, é claro."

As criaturas explodiram em um ataque de riso novamente na sua piada. Criaturas, porque nenhum era humano.

Incluindo-se, três vampiros no total. Um fantasma. E dois demônios, que poderiam se mascarar como seres humanos melhores do que qualquer vampiro poderia.

As criaturas que residem nos túneis fascinavam, mas o homem lá em cima, no hotel, o fascinava mais.

"Você perdeu o nosso jogo de cartas." Comentou Roberto. A voz jovial trouxe Jorge de volta ao presente.

"Será que eu perdi? E qual foi à aposta de hoje à noite?"

"A única coisa que temos com que negociar, é claro. Tempo."

Jorge entrou no riso. Era verdade. Nenhum deles tinha qualquer coisa de valor material que outro não poderia obter para si próprio com o mínimo esforço. Mas eles poderiam apostar tempo. Mais ou menos. Sendo criaturas de outro mundo ou de morte, eles poderiam manipular o tempo ao seu gosto. Estendê-lo ou diminuí-lo. Claro, que é aonde demônios vieram a calhar, bem como bruxas e feiticeiros. Vampiros sentiram tempo de forma diferente.

Eles também, dependendo de sua idade, quando e como elas foram feitas, poderia se adaptar ao longo do tempo e do espaço. Eles poderiam parecer exatamente como um ser humano e tolerar a exposição ao sol, se assim o desejar. Ou, poderiam tornar-se pouco mais do que um fio de névoa no ar.

O que fazer e qual era sua paixão atual? Será que a bela criatura desfrutaria de sua existência ou a detestava, e desejaria que isso acabasse?



"Você está tranquilo esta tarde." Comentou Roberto, chegando a ficar ao lado dele conforme Jorge olhou sem ver uma das tapeçarias. "Você não esteve em nossa cidade maravilhosa tempo suficiente para estar entediado dela ainda."

"Não, não. Eu não estou entediado." Jorge assegurou.

"Mas eu não sinto que você está preocupado, também. No entanto, há algo..."

"Há... Um homem. Um vampiro. Ele vive no pequeno hotel com vista para o rio."

"Ah sim. Dane, é o seu nome."

Jorge se virou, chocado que Roberto saberia qualquer coisa sobre o homem. "Como você o conhece?"

"*Mi amico*, eu conheço toda criatura que se aventura em *Savannah*, se eles vêm por meio dos túneis ou não. Eu nem sempre residi abaixo das ruas."

"O que pode me dizer sobre ele?"

"Ele é um jovem vampiro. Talvez duzentos anos de idade. Ele é muito rico, porém, mesmo para os padrões humanos. Ele é dono do hotel que você mencionou e restaurante abaixo dele. Ele é dono de várias outras empresas e empreendimentos, secretamente, claro. Mas a sua favorita é uma livraria. Ele está ali mais do que em qualquer outro lugar. Ele tem viajado extensivamente para estocá-la. Também não foi transformado de boa vontade."

Jorge ouviu atentamente, pendurado em cada uma das palavras de Roberto. *Dane*. Um belo nome para um homem bonito. E um amor por livros. Encantador. Jorge queria o jovem vampiro mais do que nunca agora. Mas que Dane não veio para a vida imortal por escolha, mas por força...? Isso o fez imprevisível no temperamento. "De onde ele é?" Jorge perguntou, querendo cada pedaço de informação que poderia obter, cada ângulo, cada fraqueza. Ele não tinha nenhuma intenção além do prazer, mas também tinha que saber no que estava se metendo por envolver.

Roberto balançou a cabeça. "Isto eu não tenho certeza. Nunca o ouvi dizer. Sendo que ele foi forçado, pode não saber a sua história humana. Qual é o seu interesse por ele?"



"Eu não sei, ainda. Bem, não sei além do prazer de seu corpo." Jorge não tinha estado com homens, nem quis estar com homens antes de se tornar um vampiro, mas a maioria não escolhe apenas um sexo para explorar a intensidade da necessidade física. A maioria queria ambos, macho e fêmea. A maioria vangloriou de nenhuma doença, não há necessidade de cautela, sem capacidade de procriar. Havia apenas deliciosos orgasmos tão agradáveis, tão dolorosamente requintados, que eles poderiam se tornar um vício, se não tivesse cuidado.

E Jorge sempre foi cuidadoso.

"Ele se mistura bem com os seres humanos. É completamente imerso em seu mundo e relações. Ele é terrivelmente afiado."

Jorge amava inteligência. Ele gostava de aprender. Amava tudo sobre isto e que sua paixão era inteligente, só fez Jorge querer mais o jovem vampiro.

"Só tome cuidado com ele, Jorge." Roberto raramente chamava Jorge pelo seu nome e quando o fez, Jorge sabia escutar. "Ele é bonito, sim. Seria tão fácil para você se tornar tomado com ele. Mas sabe como aqueles que não foram feitos de boa vontade, que nunca consentiram a esta existência, o desejo de morrer. Eu odiaria vê-lo ferido de qualquer maneira."

"Isso faz os dois de nós." Disse Jorge com uma risada curta, tentando aliviar o clima. Ele bateu Roberto no ombro e moveu-se de volta para a mesa no centro da alcova. "O que você diria para mais jogos de cartas? Acho que estou sentindo muita sorte no momento."



Capítulo Três

Ele estava duro. Ele sempre estava duro quando acordava, como a maioria dos homens humanos que tinha ouvido ao longo dos anos, mas sua dureza, sua ereção rígida não era dolorosa. Mesmo quando apertada e estando em linha reta, suas bolas completamente contraídas perto de seu corpo, não estava com dor. Era uma sensação semelhante a... Para... Ele não sabia. Não tinha palavras para descrevê-lo. Isso roubou o fôlego e deu-lhe de volta. Se tocasse a si mesmo, não iria parar. Gostaria de continuar por horas, até mesmo dias. Ele tinha feito isso antes. Primeiro tão perdido nas sensações que não poderia nomear, tinha ficado em sua cama por dois dias, acariciando-se, existindo apenas para o prazer de seu pênis, negligenciando seus negócios, suas responsabilidades.

Isso foi há meses. Ele não tinha tocado a si mesmo. Não tinha estado presente dolorosamente duro, pois, também. E a única coisa que mudou foi à sensação, o conhecimento que tinha sido observado ontem à noite.

Ele queria saber quem tinha feito isso e esse pensamento o levou para fora da cama e no chuveiro. Ele era um vampiro. Não se sujava. Não suava. Ele não tinha cheiro e seu cabelo não ficava oleoso. Mas o ritual o ajudou quando se moveu em torno dos seres humanos, que tratava em uma base diária. Isso o ajudou a se sentir mais como um deles, se compartilhou em suas experiências simples.

Podia dizer, no entanto, que gostava da água morna, pois deslizou sobre ele. Era como ser acariciado e adorou a sensação de calor. Foi por isso que dormia embrulhado em cobertores, porque manteve a temperatura em sua cobertura baixa o suficiente, que poderia tolerar estar debaixo das cobertas em sua cama.

Ele tinha sido uma época humano e muitas vezes se perguntava se sua necessidade de casulo – quando dormia era a sua maneira de tentar sentir como era uma vez para ele. Não



havia nenhuma maneira dele descobrir. Ele não tinha ideia. Não tinha ideia de qualquer coisa antes que foi transformado.

Alguns dias ralavam em cima dele, o mistério que era a sua vida antes. Outros dias, nunca pensou sobre isso.

Mas o que ele não poderia abalar foi como sendo observado o fez se sentir e como estava faminto por sexo. Pelo sexo masculino. Por um pau.

Ele sabia que o que tinha visto não era do sexo feminino. Seu perfume era diferente, mesmo aos mortos-vivos. Era doce, quase doce demais às vezes. Excitação de ser um deles. Não que ele nunca disse não a um parceiro do sexo feminino, mas ontem à noite o cheiro não era doce. Era almíscar. Pesado. Cheio de luxúria. Um predador encontrando sua presa.

Dane amava ser a presa. Amava e odiava. Era uma guerra constante dentro dele e nem sempre tinha certeza de qual lado ganhou, quando daria para quem o estava caçando. Descobriu-se agradável para ambos, no final, mas tinha a sensação de que seria diferente com o predador da noite passada.

Uma vez fora do chuveiro, sua ereção ainda cheia, Dane vestiu-se para o dia. Ternos eram seu favorito. Ternos clássicos. Três peças habilmente adaptadas. Camisas nítidas. Gravatas de seda pura. Sapatos trabalhados a mão. Cada coisa adequada, escolhidas especificamente e feitas apenas para ele. Pagou qualquer que seja o preço, porque encontrou o sentimento de confiança imensurável quando se deslocava entre os seres humanos.

A primeira parada do dia seria *Londres*. Era um ótimo lugar para começar sua semana. Pequenas livrarias em toda a cidade, aquelas que foram escondidas, onde ninguém jamais viu, continha alguns dos mais incríveis volumes de literatura erótica vitoriana. Era um gosto adquirido, os livros que ele amava. Muitas vezes pensava, esperava que, talvez, tinha nascido durante essa época. A história, a beleza, a fachada, fascinou-o como nenhum outro momento que havia lido a respeito.



O ar ainda realizava crocância, se o traje dos humanos era qualquer indicação. Não era congelado, com base na temperatura listada em seu telefone, mas as pessoas se vestiam como se fosse. Seu telefone também alertou para chuva em *Londres* e escondeu um sorriso. *Claro.*

Da cozinha deserta de seu restaurante, Dane fechou os olhos, deu um passo adiante, e quando abriu de novo, a agitação que foi *Harrod's* apareceu em torno dele. Ou melhor, apareceu fora dos muros dos vestiários e agrediram seus ouvidos. Ninguém iria observá-lo sair da sala pequena e sair da loja para a rua. Ninguém iria lhe pagar qualquer mente conforme trabalhou seu caminho através das ruas de *Londres* até as livrarias que ele tanto amava. E ninguém iria notar quando desaparecesse novamente.

"Eu iria notar."

Dane deu um passo ao lado de fora do tráfego em sentido contrário e parou. Ele não tinha falado em voz alta quaisquer uns dos seus pensamentos, mas a voz que falou de volta tinha sido muito em seus ouvidos.

Ele não precisou esperar muito para descobrir a quem a voz escura, melódica pertencia. "É você." Dane respirava, tendo no vampiro que veio para ficar diante dele.

Cabelo preto e olhos azuis do outro mundo. Eles eram intensos e brilhantes em meio ao cinza nublado de *Londres*.

Ele era tão alto quanto Dane, um pouco mais amplo através do peito e ombros, sólido, forte. A partir de quando ele tinha sido humano. Não só como um vampiro.

"Sim, Dane."

"Como você sabia que eu estaria aqui? Como sabe meu nome? Por que estava me observando a noite passada?" As perguntas voaram de sua língua, antes que ele pudesse pará-las ou engoli-las. Mas o vampiro simplesmente sorriu e ergueu a mão para o rosto de Dane. Ele levantou uma mecha de cabelo da testa de Dane.

"Inquisidor, não é? Não admira que você execute uma livraria."

"Como você sabe disso?" Dane perguntou, querendo saber se iria receber uma resposta dessa vez.



"Você foi estudado."

"Por quê?"

"Eu sempre assisto o que desejo, antes de fazer a minha jogada. Eu preciso saber quem eles são, antes que possa me revelar."

"E para que você possa ganhar a mão superior sobre eles, sim? Você com todo o seu conhecimento e eles com nada." Dane se mudou, passou ao redor da bela criatura e continuou sua caminhada.

"Jorge é o meu nome." Disse a criatura, caindo em passo com Dane. "Eu nasci em *Portugal*, no século XVII. E fui transformado no meu vigésimo quinto aniversário."

"Por escolha?"

"Sim. Minha família estava toda morta. Eu não tinha vínculos por mais tempo, não havia maneira de sobreviver a menos que eu quisesse mendigar nas ruas ou prostituir-me. Nenhum me atraiu."

"O que aconteceu com eles? Sua família."

"Uma pequena revolta na minha aldeia. A minha família tinha uma pequena sede do poder e foram removidos à força."

"Que coisa horrível para você."

"No momento, sim. Soube mais tarde que o meu pai tinha enganado e mentido sobre as finanças da vila. Eles foram à falência como uma cidade. O povo tomou a sua raiva sobre ele e eu não posso dizer que culpava. Ele arruinou a vida e minha mãe era tão culpada."

"Quem te fez?"

"O grupo de ciganos vampiros viajando."

As palavras fizeram dor em Dane. "Como é que é? Sabendo?"

"É reconfortante. Você não tem a mesma sensação. Sinto muito. Deve ser terrível para você." A qualidade da proposta na voz de Jorge, a suavidade nas palavras, Dane levou a acreditar que Jorge foi sincero em sua simpatia. Não havia piedade e, para isso, Dane se sentiu grato. Ele tinha o suficiente de piedade das outras criaturas e vampiros, e enquanto



estava sempre graciosamente aceitando dele, por alguma razão, duvidava que tivesse sido com esse vampiro particular.

"Eu imagino que é perto a forma, como uma criança órfã sente. Por que você está aqui?"

"Porque você está aqui."

Dane cortou o olhar para o outro vampiro. Desceram a rua movimentada em *Londres*, no meio do dia. O sol não estava fora e Jorge não parecia diferente de qualquer dos humanos moendo em torno deles. Ele olhou como se pertencesse ali.

O contraste entre eles era tão antigo quanto o tempo. Claro para o escuro. Luz em sombra. Jorge parecia pecado e Dane, um anjo inimaginável.

Dane não podia negar a atração visceral. Sua ereção deflagrou a vida outra vez enquanto Jorge caminhou ao lado dele. Ninguém olhou para eles com desconfiança. Ninguém pensou que não era natural, dois homens caminharem lado a lado no meio do dia. Ninguém sabia que eles não eram homens, no sentido humano da palavra.

Quão poderoso e sensação inebriante.

"Meu aniversário é sexta-feira." Dane não tinha a intenção de deixar escapar o comunicado. Pelo menos, não gostou disso. Ambos sabiam o que significava aniversários, o que muitos em sua situação ou tentativa queria tentar.

"Grandes planos?" Jorge perguntou em voz baixa. Mesmo entre o barulho na rua, Dane ouviu.

"Não tenho certeza."

"Entendo. Era um aviso para não chegar muito perto entre agora e depois?"

Se ele tinha um motivo? "Possivelmente."

"Então eu vou tomar a advertência de acordo com assessoria. Mas eu não me assusto tão fácil. Agora..." Jorge disse brilhantemente. "O que estamos fazendo em *Londres*?"



Capítulo Quatro

Pelas próximas horas, os dois vampiros andavam de um lado da cidade para o outro. Eles passaram horas em livrarias mofadas, em segredo fora do caminho das lojas, a pessoa tinha que saber exatamente onde procurar manchas ou iria se perder completamente.

Jorge poderia dizer honestamente que nunca tinha visto tantos livros em todos os seus anos de existência. Ele nunca tinha levado tantos, também. Mas a emoção de Dane era contagiante, quando ele encontrou um pedaço que estava esperando e querendo.

Vendo o vampiro loiro conversando e interagindo com os proprietários da livraria foi interessante. Houve o relacionamento profissional, profundo afeto para os tomos², e se alguém sentiu que Dane não era bem o que parecia ser, não deixava transparecer.

Houve respeito e que era algo que Jorge raramente viu entre sua espécie, seja entre vampiros ou vampiros e humanos.

Vários dos proprietários até mesmo chamavam Dane pelo nome, como se fossem velhos amigos.

"Você é diferente." Comentou Jorge, enquanto desciam *Shaftsbury Avenue*. Os teatros foram bem iluminados na hora do início da noite e uma mistura mais eclética de seres humanos desceu sobre a área.

Imaginou Dane dentro de um teatro, tendo um show, admiração e alegria em seu rosto. E de repente queria levá-los, para ver de perto o olhar que sabia que seria, aos olhos de Dane.

"Diferente? Como assim?" Dane perguntou, trazendo Jorge de volta para a conversa. Eles teceram o seu caminho em torno de um grande grupo de jovens, que não parecem ver ou pensar em ninguém além de si mesmos.

² Volume de livros.



"Você gosta de estar perto de seres humanos."

"Sim. Eu gosto."

"Você não os vê como sua próxima refeição ou criaturas para estar brincando."

"Eu não preciso de seu sangue e eles não estão aqui para o meu prazer. Eu nunca transformaria um ou me alimentaria a partir de um diretamente e nunca vou."

"Você tem medo que não seria capaz de parar? Que iria acabar levando-o a próxima etapa e transformá-lo?"

Houve hesitação e Jorge sabia a resposta antes de Dane oferecer. "Sim. Eu temo que iria levá-lo longe demais. Ninguém merece ser o esporte de um vampiro, um monstro desumano que ataca depois desaparece. Ninguém merece ser tomado e transformado contra a sua vontade."

Jorge sentiu a dor e pesar nas palavras de Dane e na fragilidade de sua voz. Desespero flutuou dele em ondas enquanto falava sobre ser transformado sem consentimento. "Você quer morrer, não é?" Ele murmurou a pergunta para o silêncio relativo de um beco, que tinham recuado. Eles estavam entre os teatros e até mesmo nas sombras dos prédios, Jorge pôde ver a guerra nos olhos de Dane.

"Sim." Dane se aproximou e Jorge viu outra coisa nas profundezas azuis. *Desejo*. "E não."

"Entendo."

"Você está vindo comigo?"

"Estar com você? Sozinho? Você confia em mim, Dane?"

"Sim."

Jorge sorriu. "Então me leve onde você está indo."

Dane sorriu de volta, porém, foi de partir o coração, bonito. Ele pegou a lapela de Jorge em uma mão e em segundos já não estavam em um beco de *Londres*, mas em um apartamento de volta em *Savannah*. Foi meio da tarde e o sol estava fluindo a partir das cortinas abertas e brilhando fora da água a partir do rio abaixo.



"Pode colocar os livros em cima da mesa atrás de você e eu vou levá-los para a loja amanhã." Disse ele, movendo-se em torno de Jorge e fazendo exatamente isso com os sacos de compras que carregava. Jorge seguiu o exemplo.

"Você ama seus livros."

Dane sorriu. "Eu amo. Muito. Eles são a minha fuga, meus devaneios."

"Mas eles são eróticos. A maioria deles, sim?"

"Eles são."

"Então, você realmente é um velho sujo." Jorge sorriu de volta. "Mais ou menos cem anos ou assim." Dane riu e Jorge adorava o som de fluxo livre. Ele teve a súbita vontade de beijar Dane, mas isto iria esperar. Se tentasse agora, não haveria nenhuma parada para as próximas horas. Ou dias. "Você não se alimenta de seres humanos, mas precisa se alimentar." Ele comentou, mudando de assunto para algo menos sexy do que as paixões de Dane pelos livros raros eróticos.

"Eu suponho que você conhece Roberto? O distribuidor?"

"Eu conheço." Ele não deveria ter sido surpreendido. Toda a gente tem o seu fornecimento de sangue de Roberto, se eles não se alimentam de seres humanos.

"Então você sabe que os barris de vinho que revestem as alcovas, perto de seu covil não somente contém vinho."

"Eu sei. Você toma seu sangue misturado ou puro?" Dizia-se no mesmo tom de conversa como um ser humano pode pedir a outro como tomam seu café.

"Eu costumo manter um de cada. Gosto da sensação inebriante que recebo do misto, mas o puro me faz funcionar de forma mais clara, torna mais fácil para eu estar em torno de seres humanos."

"Eu entendo o que você quer dizer. É como estar bêbado, sangue e vinho juntos. Eu sei que você não sabe o que é isso, mas o sentimento que aludem é o que os humanos chamam de estar bêbado. É frivolidade, desinibida. Com que você negocia?" Roberto não precisava de



dinheiro e ele viveria para sempre, porque não tinha nenhum desejo de morrer, mas havia coisas que ele amava e trocava a ter.

"Tapeçarias. Várias das que estão penduradas em sua alcova da sua casa na *Itália*. Antes, demolida, eu tenho-as para fora. Todas elas."

"Eu só tenho visto quatro."

"Havia nove no total. Eu tenho as outras cinco. Eu não sei se ele sabe, mas mantém o fornecimento de sangue que preciso. Ele valoriza o toque de seu passado como a maioria dos vampiros fazem."

"Esperto."

"Eu sou um empresário astuto. Um muito bom. Aprendi com os seres humanos que conheci e apliquei esse conhecimento para minhas relações com eles e com meus companheiros imortais. Eu também empresto a Roberto alguns dos eróticos que trago de volta da Europa. Há algumas muito boas poesias eróticas da *França*, que ele devora."

E a conversa tinha um círculo completo. "Sexo. O caminho para o coração de um homem. Ou a falta de um."

"É o caminho para o seu?" Dane perguntou baixinho de onde estava na frente das janelas. Ele não estava olhando para o rio, mas sim em Jorge, que se levantou do sofá e deu passos medidos em sua direção. O desejo que ele tinha visto nos olhos de Dane no beco estava de volta, isto nunca tinha deixado. Dane o queria e o sentimento era mútuo, mas essa aproximação, essa dança, não se sentia como as outras. A falta do vampiro loiro era algo que ele não tinha encontrado antes e deixou Jorge um pouco incerto sobre como proceder.

Ele pensou que só poderia capturar Dane em sua teia de fome sexual e, em seguida, sair, mas que foi bastante difícil. Passar a tarde, andando por *Londres*, conversando, vendo Dane em um elemento e forjando laços que a maioria dos vampiros, nunca iria tentar ajudar Jorge perceber que Dane não era apenas mais um navio para seu pênis ou seu desejo desumano. Dane era uma força de vida muito mais preciosa.



E por incrível que pareça, isso não assustou Jorge, no mínimo. Ele ergueu a mão, empurrou uma mecha de cabelo da testa de Dane e observou com um sorriso, uma vez que derivou de volta no lugar contra a sua pele. "Se eu tivesse um coração..." Ele comentou, voltando as questões de Dane. "Sim, o sexo seria uma das formas para o meu coração. Eu era despuadorado mesmo quando era jovem e humano."

"Será que você prefere os homens, então, também?"

"Não. Eu não desenvolvi um gosto para homens, até que fui transformado e, mesmo depois, isto levou algum tempo para entender que era algo que não podia negar. Eu já não procuro a companhia de vampiras."

"Você já tentou ficar com um ser humano desde que se transformou?"

"Não em muitos anos. Eu fiz no início, porque o chamado de seu sangue era demais para resistir, mas com o tempo, descobri outras fontes de sangue, como Roberto, e virei-me de bater corações para a alimentação. Agora a minha força iria esmagá-los. Meu desejo iria incinerá-los. Apenas outro vampiro pode me segurar. Você esteve com algum? Você fundiu-se com o seu mundo, como se ainda fosse um deles."

"Eu não tenho. Eu queria voltar a ser humano tão mal, que não confio em mim mesmo para não levar a minha raiva sobre eles."

"E que vampiro é a sua preferência, Dane? Masculino ou feminino?"

"Agora mesmo?"

"Sim." Jorge respirava, os lábios quase uma polegada à distância de Dane. "Agora mesmo."

"Decididamente masculino."

Nada mais foi dito. Nada mais precisava ser dito quando Jorge tomou a boca de Dane em um beijo. Não havia nenhuma pesquisa preliminar para o ângulo direito. Não houve tentativa de degustação. Era toda a paixão e tomada, a fome e a doação. Jorge deslizou sua língua contra Dane e puxou-o em um emaranhado de dentes e lábios de sucção molhada.



Pensamentos de amor e sexo, fodendo e... E... Afagando? Oh sim, abraçar encheu seu cérebro e corpo de desejo. Jorge pressionou-se contra Dane e por sua vez pressionou Dane contra a janela.

Ele se perguntou o que poderia ser visto a partir da passarela abaixo e aumentou seu desejo de pensar que eles poderiam ver exatamente o que estava acontecendo.

Ele agarrou as mãos de Dane e levantou-as acima de sua cabeça, empurrando contra a parede transparente. Mais duro e profundo ele beijou Dane, empurrando seus quadris para o vampiro loiro, sentindo o cume de seu pênis escovar contra o cume de Dane.

Jorge arrancou-se afastado, colocando um pouco de espaço entre eles e Dane deixou cair os braços atrás para os lados. "Eu poderia levá-lo onde você está." Jorge murmurou, suas roupas caindo no chão sem nunca tocar um ponto, um botão, um zíper. O calor de dentro de seu corpo derreteu as costuras que mantinham suas calças, camisas, mesmo os sapatos juntos.

"Ninguém está parando."

O olhar de Dane viajou sobre o corpo de Jorge, lentamente, polegada por polegada. Ele sentiu o olhar como se fosse um toque, como se deixou chamas na sua esteira. Dane focado no pau de Jorge e quanto mais olhava, mais duro Jorge se tornou.

"Aqueles abaixo vão ver." Não que Jorge se importava, mas Dane trabalhou entre eles, viveu entre eles.

"É uma janela de duas vias." Disse Dane, seus longos dedos deslizando lentamente nos botões dentro de seus limites. Ele tirou a jaqueta, colete, e, finalmente, a camisa depois de puxar as caudas de suas calças. Aquelas vieram em seguida e Jorge estava voltado para o local, incapaz de parar de assistir o striptease. Ele não estava terminando como uma provocação ou uma tentação. Era Dane, não querendo sua roupa desarrumada, sendo meticuloso e, inconscientemente, sexy.

Uma vez nu, ele estava orgulhoso. O cabelo loiro na cabeça igualou ao de seus braços e pernas, peito e os cachos entre suas coxas.



Seu pênis estava... "Querido Deus, Dane."

"Eu poderia dizer o mesmo." Dane disse suavemente conforme estendeu a mão para a ereção de Jorge. Uma leve pressão da ponta dos dedos de Dane o fez estremecer. Havia muito que um vampiro sentiu em sua pele, mas através de sua excitação, cada sensação física aumentava.

"Pelo menos nós sendo vampiros ainda somos abençoados abaixo da cintura."

Dane riu em concordância, mas logo o riso desapareceu, substituído pela fome mais uma vez, quando Jorge pressionou os dois contra o vidro novamente.

Gemidos encheram o ar e saltou fora da janela. Os seres humanos circulavam abaixo, incapazes de ver a paixão ocorrendo acima deles.

Jorge mordeu o lábio inferior de Dane, seu incisivo afiado rompendo a pele, deixando uma alfinetada de sangue compartilhado entre eles. Dane empurrou seus quadris a frente e puxou seus lábios sobre os dentes, expondo suas próprias presas. Jorge lambeu-as e endureceu ainda mais quando Dane mordeu a língua.

"Você quer jogar dessa forma, não é?"

"Você começou."

Jorge lambeu o pescoço de Dane, tomando o lóbulo da orelha entre os lábios. "Sim eu comecei. Tenho a intenção de terminá-lo, também. Vire-se. Mãos apoiadas."

"O lubrificante está no banheiro."

"Você quer lubrificante?"

"Faz algum tempo."

"Você é um vampiro."

"Isto ainda vai machuca sem ele."

"Fraco." Mas não havia calor ou rancor no mandato, conforme Jorge se afastou através da cobertura em busca do lubrificante. Quando voltou, Dane ainda estava onde ele tinha deixado, mas na posição que Jorge lhe disse para ficar.



O que ele estava pensando? Jorge poderia se infiltrar nos pensamentos de Dane, como fez desde que no início do dia, mas isto? Sexo? Isto era íntimo e pessoal e que iria permitir Dane se expressar sem a interferência de Jorge.

Jorge queria os sons que Dane fazia, os grunhidos, gemidos, as mendicâncias.

"Quando foi a última vez que teve alguém dentro de você?" Ele perguntou quando chegou a sua presa. E isso é exatamente o que Dane tinha sido na noite passada. Presa. Agora, conforme tinha vindo a conhecer o vampiro, ele havia se tornado algo infinitamente mais... Uma paixão. Um desejo. Uma posse.

"Tem sido anos. Muitos."

Jorge deslizou um dedo manchado de lubrificante para baixo das costas nuas de Dane e abaixo entre suas nádegas, esfregando contra o seu buraco. "Masculino ou feminino?" Enquanto aplicou pressão na entrada de Dane, Jorge foi recompensado com um gemido.

"Macho."

"Mmm. Eu gosto disso. Eu quero ser seu único homem a partir de agora." Disse ele, empurrando o dedo em profundidade, de um só golpe. Os joelhos de Dane quase dobraram, mas com o outro braço em volta da cintura de Dane, Jorge foi capaz de manter-se com seu amante.

"Por favor, Jorge. Por favor."

"Essas são palavras bonitas, meu amor. Tão bonitas, na verdade..." Jorge deixou as palavras penduradas entre eles, enquanto tirou o dedo e substituiu-o com a cabeça de seu pênis.

Com uma leve pressão neste momento, e lento movimento, firme, apertou-se no corpo de Dane.

As mãos de Dane enrolaram contra o vidro, os pregos da janela raspando. "Cuidado. Você não quer quebrá-la." Jorge murmurou. "Mas estou feliz que isso seja tão bom para você."



"Sim." Dane assobiou.

Polegada por polegada, Jorge sentou-se dentro de Dane, que já estava pulsando contra ele. Foi apertando mau, perto de asfixiá-lo na base.

Ele retirou-se até apenas a cabeça descansou na entrada e foi recompensado com um gemido e Dane empurrando para trás, buscando Jorge novamente.

Jorge não negaria a qualquer um deles. "Encontre uma maneira de segurar. As coisas estão prestes a ficar sérias." Ele bateu dentro, ouvindo a captura da respiração de Dane. Dentro e fora, Jorge bateu o traseiro de Dane. Ele agarrou os quadris estreitos de Dane firmemente, segurando Dane estável.

Sexo entre vampiros era violento e muitas vezes doloroso, uma batalha pelo domínio, mas isso era diferente. Jorge não queria ser dominante sobre Dane. Ele queria seu acasalamento para ser um dar e receber igual. Ele precisava dessa maneira. Tanta coisa tinha sido tirada de Dane, que Jorge não queria ter mais nada com isso. Queria tudo, cada movimento, cada toque sendo consensual e dado livremente.

A natureza de Jorge era tomar, aproveitar, e ele queria isso. Queria aproveitar tudo de Dane e depois devolvê-lo multiplicado.

Ele tinha se forçado a vida de Dane no início do dia. Ele iria ficar o tempo que o outro vampiro permitisse.

E neste momento, neste momento prazer o encheu, que memorizaria até ao fim do tempo.

Ele estalou os quadris e esmurrou o canal de Dane, fechando em seu orgasmo. Conforme ele se aproximou, pressionou a frente de seu corpo, apertado as costas de Dane, embrulhando em torno da ereção de Dane, acariciou duro, apertado e rápido.

Dane tremeu nos braços de Jorge, empurrou contra a janela, duro o suficiente para que arriscasse quebrar, mas isso não aconteceu. Ele raramente estava grato por qualquer coisa, mas para isto? Ele era imensamente grato.

"A grande morte pela luz solar não é o que desejo neste momento." Ele brincou.



"Não." Dane concordou. "Por favor, Jorge."

"Deixe-me ter o seu prazer."

"Sim. Ah sim." As palavras saíram da boca, meros segundos antes da umidade de Dane fluir sobre a mão de Jorge. O contentamento que o agarrou enquanto o orgasmo de Dane tomou conta de seu corpo, trouxe Jorge ao seu próprio. Profundo no corpo de Dane, o pênis de Jorge empurrou com a sua libertação.

Um profundo êxtase o fez tremer, conforme se puxou longos momentos depois. Jorge segurou Dane em seus braços, até que ambos se acalmaram e prenderam a respiração.

"Para um vampiro." Disse Dane. "Eu não deveria precisar de descanso depois disso, mas estou bastante certo que preciso."

"Você está simplesmente fora de prática."

Dane olhou por cima do ombro, seus olhos dourados quentes com o arrebol do sexo. "E você está dizendo que não está na necessidade de descanso? Que está pronto para ir de novo?"

"Não me lembro de dizer isto." Jorge admitiu.

"Quer se juntar a mim, então?"

"Bem, se você insiste." Dane riu e puxou-se para fora dos braços de Jorge e levou-o até o quarto. "Viajamos para *Londres*. Vampiro velho é uma coisa real, eu acredito."



Capítulo Cinco

Dane olhou para o vampiro em sua cama. Eles tinham estado acordados durante toda a noite, enquanto um ser humano precisava dormir mais tarde, um vampiro não o fez. Pelo menos, Dane não o faria até amanhã.

Seu aniversário.

Ele virou-se de Jorge com o pensamento e caminhou para fora do quarto. Ele não queria contemplar o que significava o seu aniversário ou o que isso poderia significar. Agora não.

Na cozinha, começou a preparar seu pote habitual de café, mas mudou de ideia no último segundo. Ele precisaria de sangue para torná-lo através do dia completamente e mentalmente alerta.

Ele nunca tinha sido tomado tão completamente antes. Seu corpo não doía, mas a sua alma sim. Jorge coube nele como se feito para ele. Seja qual for o desconforto que poderia ter tido, no momento Jorge entrou ele, foi breve e não mais do que uma pitada.

Jorge tinha estado duro como pedra, seus músculos apertados e cheios de tensão. Mas ele segurou Dane-se com intensidade pelo caminho, com cuidado de não dominar e causar danos.

Ele, na verdade, se sentia bem cuidado, precioso, que no sexo entre vampiros era raro. Ele...

"Você pensa demais, amor." Jorge disse, atrás dele, interrompendo seus pensamentos.

Amor? O que era um carinho ímpar.

"Eu não acho que é estranho em tudo. Não entre nós. Não depois de ontem à noite."

"Era uma noite. Nada nela sobre o amor."

"Não? Então, o que você diria?"



"Um monte de luxúria e fome. Almejando companhia. Esta pode ser uma existência solitária."

"É possível." Jorge concordou. "Você ia me deixar dormir em sua cama?" Ele perguntou, mudando de assunto, o que Dane estava agradecido.

"Sim."

"Entendo. Você deixa todos os seus amantes em sua cama e foge?"

"Eu não tenho amantes regularmente. E, eu não estava escapando."

"Aonde você ia?"

"A livraria. Quero levar os novos livros que trouxe de volta comigo catalogados e arquivados."

"Se você vai compartilhar um copo de sangue comigo, eu vou reunir alguma força e ir com você."

"Jorge... É desnecessário."

"Talvez para você, mas é muito necessário para mim."

"Por quê?"

"É importante para você, portanto, é importante para mim. Você é importante para mim."

"Um pouco mais de 24 horas..."

"E uma vida que já dura centena de anos. Eu acredito que me conheço bem o suficiente, depois de todo esse tempo, para determinar o que é e o que não é importante para mim."

Dane teve que conceder o ponto de Jorge. Centenas de anos tende a dar as coisas um pouco diferente na perspectiva. Os seres humanos podem ver na noite passada como nada mais do que um encontro sexual prazerosa. Dane e Jorge, ambos viram isso como mais apenas Dane estava relutante em admitir, seja para si mesmo ou em voz alta para Jorge.

"Por quê?"



Dane balançou a cabeça e deu um sorriso indulgente a Jorge. "Por favor, saia da minha cabeça."

Jorge se aproximou até que seus corpos escovaram juntos. "Mas eu não quero sair de sua cabeça." Ele abaixou a cabeça e mordeu os lábios de Dane. "Há uma série de divertidas e fascinantes coisas acontecendo dentro de sua mente."

"Como o quê?" Dane sussurrou, beliscando de volta. Ele gostava do sabor de Jorge. Exótico, e escuro. Rico, e decadente. Talvez fosse o sangue cigano que corria através dele. Talvez fosse a terra que ele veio. Talvez fosse o vinho infundido em sangue que Roberto trocava. Dane não tinha ideia do que era, que fez Jorge intoxicante para provar e tocar, simplesmente estar ao redor.

Ele não queria desistir.

"Você não tem que dar qualquer coisa."

Dane riu. "Eu nunca vou ter um pensamento particular em torno de você, vou?"

"Não. Eu não quero segredos entre nós."

"Só porque isto é um pensamento particular, não significa que seja um segredo."

"Eu quero saber tudo o que você está pensando, tudo o que está sentindo, tudo, amor."

"Tudo?"

"Mmm. Sim. Tudo."

"Incluindo o que eu sinto quando dentro de você?"

Jorge se afastou para olhar Dane no olho. "Eu..."

Dane sorriu. *Finalmente*. Ele foi capaz de tornar o outro sem vampiro palavras e ganhar uma ligeira vantagem. "Você pensou sobre isso ontem à noite, enquanto estava dentro de mim. Você estava perguntando qual seria a sensação de estar debaixo de mim, sendo empalado em mim, dando-se a mim."

"Agora quem está se infiltrando nos pensamentos?" Jorge riu e beijou Dane com força nos lábios. "E sim, estava me perguntando isso e sim, eu ainda quero saber, senti-lo."

"Devemos cuidar disto, após a livraria."



"Nós poderíamos cuidar disto antes..."

"Nós poderíamos." Dane concordou. "Mas onde é que a diversão está nisto?"

Três horas, vinte livros, e sete clientes mais tarde, Dane tinha medo que fosse uma piada sobre ele. Não tinha sido capaz de parar de pensar afundando-se em Jorge e Jorge...? Bem, ele não parecia ser tentado ou incomodado pela luxúria fervendo em Dane, em tudo. Claro, isso simplesmente alimentou o desejo de Dane.

Ele quase fechou a loja uma hora atrás, incapaz de aguentar muito mais, sem o gosto dos lábios de Jorge e a sensação de seu corpo duro. Mas Dane tinha resistido, prometendo a si mesmo que esperaria o momento, muito mais delicioso. Ele agora estava xingando essa linha de pensamento.

Ele ouviu Jorge rir alguns corredores mais e Dane apenas sorriu. Dentro de sua cabeça de novo... Verdade seja dita, não se incomodava com tudo. Ninguém nunca tinha tido um interesse nele da maneira Jorge tinha. Ninguém... Seus pensamentos sumiram e olhou fixamente, atingido ao seu núcleo para as páginas em suas mãos. *Seu aniversário. Amanhã. Ele seria humano.*

Isto tinha deslizado de sua mente, empurrado para os cantos mais distantes, depois que ele trouxe para cima em *Londres* e Jorge não tinha reagido, negativo ou positivo.

"O que você quer fazer?" Jorge perguntou gentilmente, ajoelhando-se na frente de Dane. Ele pegou o livro, colocou-a no chão e pegou as mãos de Dane nas suas e Dane, ainda olhou. Desta vez, porém, seus dedos se enroscaram em torno de si. Ele não podia olhar Jorge no olho, porque a confusão que rodava dentro de Dane era assustador, mais do que qualquer desconhecido que já enfrentou.

Ele estava assustado. Nunca tinha conhecido um homem como Jorge. Nunca conheceu ninguém que poderia significar qualquer coisa para ele. Tinha feito tudo o que não podia formar qualquer coisa, mas relações de negócios com seres humanos ou outros vampiros. Ele nunca quis a confusão que isso causaria, a dor.

"Dane."



"Eu não posso fazer isso."

"Você não pode fazer o que?"

"Eu não posso... Não com você." *Não com ninguém. Nunca.* Ele gritou as palavras em sua cabeça sabendo que Jorge iria ouvi-las. Ele esperava que o outro vampiro se afastasse, recuasse, mas não o fez. Ele segurou as mãos de Dane mais apertadas, se aproximou de joelhos.

Os dedos de Jorge eram longos e sem corte no final. O tipo em um homem que tinha feito o trabalho manual uma vez. Dane era diferente no comprimento, sim, mas afunilado na extremidade. Suave, onde Jorge era um pouco áspero. A pele de Jorge era alguns tons mais escuros do que Dane e por um longo momento, Dane ficou maravilhado que mesmo como vampiros, eles ainda mantinham alguma da humanidade, à primeira vista teria dito-os.

"Nós temos até meia-noite antes da mudança ocorrer. Vamos decidir então."

"Esta não é sua decisão." Dane assobiou, obrigando-se a manter a voz baixa, para não alertar os clientes da loja à sua questão pessoal.

"No segundo que tomei seu corpo na noite passada e para além do momento em que você tomou o meu hoje à noite, é uma decisão que tomamos juntos."

"Não é a sua vida, Jorge."

"Mas é, meu amor." Ele sorriu tristemente, rasgando Dane à parte dentro, conforme fez isso. "Isto é." Ele tirou as mãos e colocou o livro de volta nas palmas de Dane. "Falaremos sobre isso mais tarde. Termine seu trabalho."

"Você está saindo?" Dane foi subitamente assustado, com medo de que Jorge não voltaria, e igualmente com medo de que ele poderia. Jorge riu com os pensamentos de Dane que sorriu também. Cada outro segundo, ele esqueceu que Jorge estava lendo sua mente.

"Sim. Eu estou deixando por um tempo. Eu estarei de volta quando a loja fechar para levá-lo em casa." Ele se inclinou e beijou Dane na testa, seus lábios demoraram contra a carne de Dane. Ele não podia chorar, mas se tivesse sido possível, tinha certeza de que teria derramado lágrimas.



Capítulo Seis

Dane queria morrer. Jorge sabia disto tão claramente, como sabia que seu próprio nome e de onde vinha. *Dane queria morrer. Amanhã. Em seu aniversário. Como um ser humano.*

O que deveria fazer? Como ele era suposto estar perto e ver o belo vampiro terminar consigo mesmo? Como ele deveria interferir?

Jorge se afastou da livraria e, dado seu curto pensamento conhecido, foi uma das coisas mais difíceis que já tinha feito. Ele queria voltar, tomar Dane nos braços e segurá-lo lá, mantê-lo seguro. Ao mesmo tempo, não precisava estar lá. Se tivesse ficado, eles teriam discutido e teria acabado mal. Jorge não queria isso. E assim ele deixou.

O dia nublado parecia tê-lo seguido ao longo de sua viagem a *Londres*. Ele manteve-se nas sombras, perto dos edifícios, o paletó bem apertado ao redor dele, a gola e lapelas aparecendo. Ele pareceria frio para os transeuntes, mas o frio não era o que estava indo para. Sendo um homem que não queria ser perturbado ou falado, no entanto. Não fez contato visual com ninguém, e tomou o caminho de paralelepípedos até o nível do rio e além na extremidade, até chegar à entrada do túnel.

"Roberto." Ele gritou enquanto se aproximava da alcova do italiano. Não lhe ocorreu que o vampiro mais velho poderia estar descansando. Também não se incomodou de acordar Roberto. Jorge precisava de conselhos e Roberto era quem confiava, que não tem um motivo em dar-lhe.

"Qual é a sua aflição, *mi amico*?" Roberto perguntou, encontrando Jorge, na entrada, um copo de vinho cheio na mão.

"Dane."

"*Sì*, seu cheiro está todo sobre você."

"Ele quer morrer, Roberto."

"Ele disse isso?"



"Sim."

"Entendo. Entra, entra. Sente-se." Roberto ergueu a taça. "Você quer um pouco? Você parece um pouco pálido."

Jorge balançou a cabeça e deu um leve sorriso. "Estou sempre parecendo um pouco pálido."

"Dá-me uma desculpa para não beber sozinho. Quando é o aniversário dele? Suponho que isso é quando você suspeita que ocorra?"

"Amanhã."

"Por que não está com ele hoje?"

"Ele está em sua livraria com os volumes que trouxe de volta ontem. Ele está em um lugar de paz e felicidade entre os seus livros."

"Sim. Ele encontra o material fascinante. Esses vitorianos eram um bando impertinente."

"Eu o quero. Não quero que ele me deixe."

"Ele é uma criatura especial, mas você não pode interferir se acabar com sua existência é o que ele quer. Nós somos vampiros. Já somos a violação das leis da natureza. Nós não podemos interferir quando se procura corrigir o mal que foi feito a eles."

Jorge abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ele sabia tudo isso e ainda não o ajudou a se sentir melhor. Ele poderia amar Dane, poderia gastar centenas, talvez milhares de anos cuidando dele, passando dias e noites com ele. Nunca tinha amado antes, mas queria a oportunidade de experimentar e amar Dane. "O que eu faço?" Ele perguntou entrecortado.

"Você honra o que quer que sejam seus desejos. Você vai e fica até o fim, mas não interfere com a sua escolha, o que quer que aconteça."

"Você alguma vez quis outro? Por mais que esporte do sexo e jogar?"

"Uma vez, sim. Há muito tempo atrás."

"Você vai me dizer sobre isso?" Jorge nunca pediu para saber algo sobre outro vampiro. Ele não tinha nunca se importado. Ele só queria existir pacificamente entre outros



de sua espécie. Ele não queria complicações. Essas partidas apenas se tornavam mais difíceis. Apesar do que alguns acreditavam, os vampiros não têm sentimentos, nem o amor, ódio, cuidados e dor.

Mas algo lhe dizia que a história de Roberto iria ajudá-lo a entender Dane e o que ele estava passando. Algo na maneira que Roberto tinha falado sobre as leis da natureza, disse a Jorge que ele precisava ouvir isso.

O italiano afundou pesadamente numa cadeira em frente Jorge. "Eu nunca disse a ninguém sobre isso. Foram muitos anos, que eu não podia sequer pensar sobre isso." Ele suspirou e, por um momento, Jorge não tinha certeza que Roberto diria outra coisa. Finalmente, ele disse, no entanto, em uma voz cheia de tristeza e arrependimento. "Eu estava apaixonado por um jovem casal quando era humano. Nós três tivemos um caso escandaloso. Eu tinha acabado de entrar em título e fortuna de meu pai e pensei que era o rei de tudo. Eu não percebi até vários meses em nosso relacionamento, que meus amantes não eram como eu. Eles eram vampiros. Tão bonitos, não havia então, nem há agora palavras para descrevê-los. Eu não me importava que fossem diferentes de mim. Eu não me importava que bebiam sangue. Eu só queria estar com eles para sempre."

"O que aconteceu?" Jorge solicitou, completamente apanhado na história de Roberto.

"Um dia, quando os assistias se alimentar de sua coxa, e testemunhei o prazer que rasgou através dela, percebi que me importava muito que eles compartilhavam um vínculo que eu não fazia parte. Isto me deixou com raiva e me machucou. Eu estava com ciúmes. Implorei para que me transformassem, me fizessem um vampiro. Eu implorei e insisti e eles sempre disseram que não. Eu me senti traído por eles. Senti que não me amavam como eu os amava. Mas o que eu não sabia na época era que Elana, não tinha sido transformada de boa vontade. Ela tinha sido tomada, usada como brinquedo de prazer por um francês, e quando a transformou, pensando que ela iria tomar William e matá-lo. Ela o transformou em vez de deixá-lo matar a si mesmo, pelo que tinha sido feito com ela e sua incapacidade de detê-lo."



"Há mais, sim?" E Jorge sabia que não era nada bom. A dor crua nos olhos de Roberto era demais para testemunhar e ele teve que desviar o olhar.

"Saí uma manhã, enquanto eles estavam dormindo no meu quarto. Eu os tinha ouvido falar de um vampiro em uma pequena cidade, não muito longe de minha vila na *Toscana*. Fui à procura dele e disse-lhe o que queria. Seu preço era do vinho ser infundido com o meu sangue, desde que eu era um distribuidor. Não importava. A drenagem me fez incrivelmente fraco. Ele esvaziou tanto de mim para seu experimento de vinho e sangue, que eu acreditava que tinha a intenção de me deixar morrer, em vez de me transformar como ele tinha prometido que faria. No final, porém, ele honrou nosso acordo."

"E Elana e William?"

"Ficaram indignados. O vampiro me levou para casa, onde Elana e William cuidaram de mim, até que eu poderia funcionar por conta própria. Eu sabia que eles iriam ficar com raiva no início, mas pensei que entenderiam no tempo, por que tinha feito isso. Eles não entenderam. Não sabiam por que eu iria escolher ser dessa maneira. Eu não sabia sobre a maldição de aniversário e a tentação que previa um vampiro se transformar a contragosto. Eu só fui capaz de passar mais algumas semanas com eles, antes de Elana..." Roberto parou, seus olhos assumindo uma névoa distante.

Jorge queria pedir-lhe para continuar, mas não tinha certeza de como. Havia tanta tristeza e desespero na história de Roberto, que Jorge não tinha certeza de que queria saber o fim, que era tão obviamente infeliz. Ele começou por esta via, embora, e egoisticamente, se havia algo no passado de Roberto que poderia ajudar a Jorge com Dane, ele iria colocá-los tanto através do acabamento.

"Você pode ver porque eu nunca falei sobre isso." Disse Roberto com um sorriso triste.

"Eu realmente sinto muito."

"Não. É tempo de eu falar dela. Foi muitas vidas atrás, que eu deveria ser capaz de falar do amor e da perda do mesmo. Eu não sabia, você vai ver... Eu não sei o que aconteceu, a tortura que era para um vampiro disposto a existir nesse tipo de escuridão. William não



tinha estado lá por Elana, para preencher os espaços vazios de sua mente... Você diz que Dane quer morrer. Você não pode pará-lo. Ele precisa de paz. Elana nunca a encontrou, nem mesmo com William ao seu lado. Nem mesmo com ambos de nós. E não é consequência se você interferir e falhar. Isto está impresso em você a reviver a sua morte no dia do aniversário. Tempo e a lei natural são diferentes para as criaturas antinaturais que somos. Eu vejo a morte dela e isso me atormenta."

"O que aconteceu com William?"

"Eu não sei. Uma vez que Elana se foi, ele desapareceu. Eu procurei por ele e nunca encontrei um traço. Espero que estejam juntos. Eu os amava. Eu continuo a amá-los. Se Dane tem o potencial de estar com você, tudo que pode fazer é lhe dizer."

Jorge suspirou e inclinou a cabeça para trás contra a cadeira. Ele não sabia o que Dane poderia vir a dizer, se tivessem tempo. Ele só sabia que não estava pronto para perder Dane ainda. "Obrigado por me dizer."

"Apenas o ame, *mi amico*. Apenas ame-o e esteja lá para ele se optar por ir."



Capítulo Sete

Dane estava fora da livraria, mas Jorge não estava à vista, embora dissesse que estaria de volta para levar Dane em casa. O gesto era doce, ou a ideia disto era, pelo menos. A intensidade entre eles era muito, muito cedo e foi apenas bem em terminar as coisas antes mesmo de começar.

E com o seu aniversário com início, em menos de seis horas? Ele sorriu tristemente e caminhou lentamente na direção do hotel.

Não havia muitas pessoas a passear pelo centro da cidade e pelo que era grato. Depois de Jorge o haver deixado mais cedo, ele retirou-se ao fundo da loja para terminar de catalogar sua obra. Estar perto de pessoas tinha sido uma tortura lenta, especialmente depois de Jorge. Dane estava rasgado mais do que nunca entre sua existência continuada e a paz que buscava, que esperava que iria encontrar na morte. Ele tinha contatado o seu advogado e foi assegurado que seu testamento e seus negócios estavam todos em ordem. Os anjos que lidavam com suas transações humanas, que tinham sido atribuídos a ele muitos anos antes. Como sua transformação tinha sido involuntário, ele não era tanto um drama como aqueles que tinham ansiosamente sucumbido à imortalidade e uma morte em vida.

Tal como Jorge.

"Então, assim é como você vai chegar ao céu? Os anjos estão ao seu lado, enquanto os demônios estão ao meu."

Dane sorriu apesar de si mesmo. "Você realmente deve tentar não ler a mente de ninguém. Um dia pode achar que não gosta do que ouve." Ele disse enquanto Jorge, mais uma vez, assim como em *Londres*, caiu em passo ao lado dele. Desta vez, Jorge ligou seus dedos e, desta vez, Dane encontrou um conforto incomum no gesto.

"Sua mente é a única que já importei de ler."



As palavras solenes tiveram Dane voltando o olhar para seu amante. Sim, Jorge era seu amante. O pensamento dele sorrindo ainda maior. E toda a confusão foi um desastre. "Por que a minha?"

"Por que é um desastre? Gosto de pensar que não sou tão horrível na cama. Concedido, eu provavelmente poderia aprender alguns movimentos novos, mas dê a um vampiro uma pausa. Eu estou velho."

"Isso não é o que eu quis dizer e você bem sabe disso."

"Sim. Eu sei."

"Sim?"

"Significa 'sim' em português."

"É isso o que você está falando comigo de vez em quando?"

"Isto é. Você não perguntou antes."

"Eu não tinha certeza de como. É tão bonito, seu idioma. Roberto muitas vezes amaldiçoa em italiano e eu gosto apenas de ouvir a cadência de sua voz quando ele faz." Jorge riu e Dane percebeu que poderia se perder no som também.

"Ele amaldiçoa muito e é sempre em italiano." Jorge concordou. "Talvez ele pense que não é tão ruim, como se estivesse a fazê-lo em inglês."

"Eu realmente não acho que Roberto se importa."

"Você provavelmente está certo sobre isso." Jorge trouxe suas mãos unidas aos lábios e deu um beijo na parte de trás de Dane. "Então, quais são nossos planos para a noite?"

"Você pretende ficar?"

"Em nenhum outro lugar que eu quero estar."

"Eu não tive essa impressão de você hoje cedo."

"Perdoe-me por deixá-lo dessa forma. Eu precisava limpar a minha cabeça."

"Você?"

"Sim."

"Então, o plano para a noite é nós... Nus. Na minha cama."



"Nunca diga que deixei um homem bonito desapontado."

"Eu não estava decepcionado na noite passada."

"Nem você estará hoje à noite."

"Não, eu não espero que vá estar. Você disse que eu poderia tê-lo." Verdade seja dita, Dane estava nervoso. Ele não tinha tomado a primeira posição no sexo por várias décadas, pelo menos. Mas com Jorge, apenas uma vez, ele queria tudo que englobava a sensação de estar rodeado de calor e sensação de aperto. Para ser embalado da maneira mais íntima possível.

"Sim, e você deve. Precisa fazer a checagem com o seu restaurante antes de irmos lá em cima?"

"Não. Eu liguei antes de sair da livraria. Meu gerente é muito bem pago, para não precisar da minha interferência todas as noites."

"Por que você abriu um restaurante e pub?"

"Os seres humanos precisam comer. Eu aprendi muito sobre um monte de coisas ao longo dos séculos e essa é uma constante. Eles gostam de boa comida, boas bebidas e boa companhia. Eu possuía um café uma vez em *Paris*, juntamente com uma *patisserie*. Eu era dono de uma pequena loja de chá em *Londres*, bem como uma em *Nova York*, por um tempo. Entregando-se aos apetites de seres humanos pelo alimento ou o prazer singular de leitura de livros escandalosos, sempre foi um objetivo para mim. Há tanta dor que eles sofrem."

"A maior parte é causada por suas próprias ações."

Dane não podia discutir esse ponto. "Mas eles devem ter coisas simples, que lhes trazem felicidade. Eu encontrei o alimento como uma maneira de fazer isso. Boa comida."

"Você esteve em todo o mundo, por que se estabeleceu em Savannah?"

"É exótico, partes dela ainda estão em contato com seu passado e é respeitada. É uma pequena cidade maravilhosa, com uma elegância que não me cansa do jeito que aconteceu



em *Paris* e *Londres* depois de um tempo. Talvez porque eram tão grandes, mas *Savannah* me faz feliz, se felicidade pode ser alcançada por alguém como eu."

"Felicidade pode ser, Dane. Pode ser feliz mais definitivamente."

"Você parece tão certo disso." Disse Dane, sua voz assumindo uma qualidade melancólica, mesmo que ele não poderia confundir a audição.

"Eu estou."

Dane lutou contra o impulso de olhar Jorge. Ele sabia que o outro vampiro acreditava em tudo o que estava dizendo, mas Dane tinha dúvidas. Suas experiências em estar com criaturas imortais eram muito diferentes. "Encontrei a satisfação de vez em quando, mas não posso dizer que já experimentei felicidade. Eu nem tenho certeza do que seria a sensação e se a reconheceria."

"O que você sente quando olha para mim?"

Dane sorriu. Seus olhos ficaram pesados e seu pênis cheio. "Lúxuria." Ele respondeu imediatamente.

"Você não acha que a luxúria pode levar a felicidade?"

"Eu acho que pode levar a muitas coisas. Eu não estou certo que poderia distinguir entre eles."

"Eu deveria trabalhar nisso." Jorge abriu a porta para o lobby do hotel e levou Dane dentro. "Vem, meu amor."

Dane não estava prestando atenção para onde eles estavam. Havia sido pego com Jorge, a conversa se deslocando entre seriedade e provocações lúdicas, que tudo à sua volta tinha deixado de existir. "Você fala com um sotaque mal." Ele observou. "A menos que você fale em sua língua nativa."

"Eu estive na *América* ao longo o suficiente, para que se dissipasse como acontece quando os seres humanos estão aqui através de gerações."

"Seu sotaque é bonito, sua linguagem é assim."

"Você já visitou *Portugal*?"



"Não." E de repente ele se arrependeu. Não tendo visitado mais países, mais continentes. Ele tinha ficado em lugares onde se sentia confortável e nunca tinha se desviado.

"É um país bonito. Café delicioso. Quantos anos você tem, Dane?"

"Eu fui transformado em 1889."

"Por que você pega o elevador?"

"Pela mesma razão que tomo as escadas. É para se misturar."

"Você já fez no elevador?"

"Fazer no elevador?" Dane riu. "Somos adolescentes humanos?"

"Meu amor, podemos ser qualquer coisa que queremos." As palavras sussurradas de Jorge caíram sobre Dane, pouco antes de Jorge levar seus lábios em um beijo. Seus corpos se chocaram juntos no canto do pequeno carro do elevador. Línguas retorcidas, dentes beliscando, mãos tateando, rasgando a roupa em um esforço para chegar tão perto quanto possível. O tempo era curto e ainda, o tempo era tudo o que tinham.

O carrilhão do sino filtrou no beijo e a fome rugindo nas orelhas de Dane e ele levantou a cabeça. As portas se abriram e ele puxou seu amante na cobertura.

Ele devia estar nervoso, mas não estava. Devia estar incerto, mas não estava. Ele deveria estar correndo tão longe de Jorge como poderia se obter, banindo-os uns com os outros, mas sabia que não podia e não iria fazer isso, também. Ele precisava disso. Precisava de Jorge.

Enquanto caminhavam através de seu apartamento, Dane rasgou suas roupas. Onde na última noite, ele tinha sido cuidadoso e meticuloso com seu terno, esta noite não se importava. Ele queria e desejava estar nu novamente. Jorge era seu amante e não queria que nada os separasse.

Jorge comentou sobre este assunto. "Você está ansioso."

"E você não está?"

"Eu estou."

"Então por que ainda está vestido?"



"Eu estava distraído por você. Gosto de te ver nu, demais para tirar os olhos do show."

Dane riu e se estabeleceu no final de sua cama, com as pernas largas, pau duro e ereto. "Show terminou agora. Sua vez."

Jorge inclinou a cabeça e plantou os pés entre Dane. "Exigente. Eu acho que gosto de você."

"E eu acho que você está indo muito devagar." Dane alcançou as calças de Jorge. "De propósito."

"Prolonga o prazer."

"Eu duvido disso." Com dedos ágeis e um movimento do pulso, o cinto, o botão, e o zíper foram tratadas em rápida sucessão. Dane-se o fato de que Jorge se vestia inteligente e elegante, o mesmo que ele. Lembrou-se de Jorge dizendo que sua família tinha sido uma espécie de aristocracia rural, mas havia também uma rugosidade no vampiro, que foi extravasando do homem que tinha sido uma vez. Havia sempre reporte de suas vidas humanas e não havia trabalho manual no passado de Jorge, bem como facilidade.

Dane ficou maravilhado com os músculos das coxas e braços de Jorge, o retesado de seu estômago e largura de seu peito, enquanto seu corpo foi mais uma vez revelado. "O que você fez como um ser humano para ter um bronzado e definição quando se transformou?"

"Depois de minha família... Eu fazia trabalhos onde poderia encontrá-los. Eu trabalhava em fazendas durante o plantio e a colheita. Eu andava de uma para outra e havia muitas vezes a muitas milhas entre elas. Eu não tinha crescido completamente suave, mas nunca tinha trabalhado tão duro, como nos meses antes que me encontrei com os ciganos."

"Você é lindo. Esculpido."

"Trabalho duro. Verdade seja dita, eu sinto falta do trabalho. Sinto falta do sol nas minhas costas, o uso de meus músculos."

"Alguma vez você já se arrependeu? Tornando-se um vampiro?"

"Não." Jorge caiu de joelhos e encontrou o olhar dourado de Dane. "Eu não teria te conhecido, se eu não tivesse me tornado o que eu sou."



"Eu não estava à procura de uma declaração." Dane sussurrou, tocado com as palavras no caminho.

"Eu não estava dando mais do que a verdade. Você é especial e eu teria lamentado não conhecê-lo, sem saber de você."

"Jorge, eu..." Mas suas palavras foram perdidas quando Jorge caiu a boca sobre a ereção de Dane. O prazer foi silenciado, ou o que ele supôs ser silenciado. Ele não tinha as mesmas sensações que tinha lido nas descrições do livro, mas sentiu alguma coisa. A umidade contra sua pele. O roce dos dentes de Jorge ao longo de seu comprimento. A barreira apertada que parecia não estar lá quando Jorge levou-o em sua garganta.

Ele queria sentir isso como um ser humano e se poderia reunir a coragem de pedir a ele depois da meia-noite, o faria. Ele queria sentir o sexo como um ser humano, algo que sempre tinha evitado. Ele queria sentir as coisas que tinha negado a si mesmo, desde que foi transformado por medo de que iria deixá-lo louco, em não sentir isso de novo por um ano.

Mas amanhã... Ele podia sentir amanhã, se almejasse, se quisesse, se pedisse.

Por agora, porém, ele queria Jorge, o mais perto que poderia levá-lo.

Dane deslizou os dedos através das mechas escuras de Jorge e puxou, erguendo a boca de Jorge fora dele. "Eu quero você no meu colo. Você sabe onde o lubrificante está de ontem à noite, se você..."

"Eu não preciso disso." Disse ele, abrangendo as coxas de Dane.

"Bravo, vampiro."

"O mais bravo de todos eles." Jorge sussurrou na boca de Dane. Ele levou os dois pênis em uma mão e acariciou-os juntos, fazendo Dane gemer. Ele estava naquela fase de excitação onde poderia ir por horas, durante dias sem parar.

Ele fugiu mais de volta para a cama. Uma coisa que deu para ser um vampiro foi a força que lhe proporcionou. Ele poderia levantar qualquer coisa, jogar qualquer coisa ou qualquer um. Mesmo os dois vampiros ao mesmo tempo.



Jorge ficou de joelhos, se abateu sobre os ombros de Dane com as mãos enquanto Dane separou as nádegas de Jorge.

"Olhe para mim, meu amor."

Dane olhou imediatamente para cima e viu a felicidade conforme Jorge afundou, levando a ereção de Dane dentro. As presas de Jorge brilhavam enquanto mordida seu próprio lábio, com os olhos brilhando como fogo azul dentro. Dane não podia imaginar uma memória mais bonita. Ele deveria ser o único a fazer a tomada, mas foi o único a ser tomado. Mais uma vez. Só que desta vez, foi diferente. Era mais do que poderia ter ou jamais ousou imaginar. Ele enfiou a mão dentro dele, em sua alma e fê-lo voar.

"Deus."

"Outra palavra bonita." Disse Dane, puxando a cabeça de Jorge até lambe o lábio que Jorge tinha mordido.

"Significa Deus."

"É bom ou ruim?"

"É mais do que qualquer um pode ser. A sensação de plenitude, de completude... Não há outra palavra para usar que irá expressá-la."

"Monte-me." Dane deitou no colchão, um embrulho de mão ao redor do pênis de Jorge. Quando Jorge começou a se mover, por isso a mão de Dane. Eles se movimentaram juntos. E encontrou prazer em assistir os quadris de Jorge ondular, em ouvir o fôlego de Jorge e soltar.

Puro e primitivo, construído na sensação após sensação. Chegando ao limite e incapaz de voltar atrás.

Dane levantou, fodendo-se no corpo de Jorge. Ele usou a mão livre no aperto dos quadris de Jorge. Ele iria cometer cada movimento, cada som, cada olhar na memória.

Seu orgasmo subiu e ele lutou para manter-se de ir até o limite. Lutou para segurar, mas não podia. Jorge aterrou contra Dane, levantou-se rápido e afundou-se duro, a pressão enviando onda após onda de sensações por meio dele.



Ele não sabe como um orgasmo humano se sentia, mas para ele como um vampiro, sentiu o jeito que sangue fluía em seu corpo, mesmo depois que ele tinha fome, só que mais forte. Quanto mais bebia, mais queria. Quanto mais gozou, mais queria gozar.

"Você quer deixar ir, meu amor. Faça. Dentro do meu corpo. Dá-me como eu dei o meu para você."

Como Dane poderia negar a Jorge quando ele era tão bonito e tão certo? Dane queria deixar ir.

Sentou-se, o pênis de Jorge duro entre eles, e puxou a boca de Jorge à sua para outro beijo, envolvendo os braços apertados em torno das costas de seu amante. Ele segurou Jorge para baixo e descarregou dentro dele, os sons dos seus gritos, engolidos por Jorge.

Calor espalhou-se entre eles enquanto Jorge gozou, seu pênis em solavancos até ser esvaziado e saciado, por enquanto.

Dane deitou-se e puxou Jorge com ele. Suavizou enquanto ainda enterrado dentro de Jorge e ele apreciou a proximidade, o cumprimento de ter feito amor novamente, e iria se preocupar com o amanhã, amanhã.



Capítulo Oito

"Você se lembra do nascer do sol? A partir de quando era humano?" Dane perguntou a Jorge. "Eu não me lembro deles. O calor. O sentimento. O... Não me lembro de nada. E dói em uma maneira que não posso nem expressar. Em todos os anos que eu estive aqui, não aprendi a expressar o vazio que sinto em não ter nenhuma memória. De não ser capaz de lembrar o calor do sol na minha pele."

Jorge seguiu o olhar de seu amante. O sol estava começando a iluminar o céu e foi sempre uma das mais belas e um dos pontos turísticos de cortar o coração. Havia muitas coisas que ele tinha sentido falta quando tinha escolhido se tornar um vampiro, e uma coisa como um ser humano, ele nunca realmente prestou atenção para a beleza de um nascer do sol ou um pôr do sol. Nunca iria sentir isso de novo, nunca seria capaz de apreciá-lo da maneira descrita por Dane.

Ele puxou Dane perto. O conforto de realizar o outro em seus braços, de ser necessário o encheu de saudade. Ele não conseguia se lembrar de nunca ser necessário ou querer ser necessário, mas sabendo que Dane estava sofrendo? Jorge teria sofrido qualquer desconforto, se isso significasse que Dane ficaria satisfeito e feliz.

Foi quando ele se deu conta. Se alguma vez tinha uma alma gêmea, era Dane. Foi também nesse momento, segurando Dane ao peito, ambos assistindo ao nascer do sol para o leste, que Jorge sabia que Roberto tinha razão.

Ele passou a noite olhando para Dane enquanto descansava. Vampiros poderiam treinar-se para dormir sempre que queriam e como Dane se manteve horas na maior parte humana, não foi surpresa a Jorge que Dane iria dormir à noite.

Ele estava dormindo, porém, quando Dane tinha desaparecido da cama, mas o tormento pessoal de Dane tinha sido suficiente para sacudir Jorge acordado e trazê-lo ao lado de Dane. "Como posso ajudá-lo?" Ele sussurrou.



"Eu não sei." As palavras eram tão quebradas, tão cheias de desespero que Jorge quase atirou-se longe de Dane. "Você entrou na minha vida há dois dias. Eu estava certo então. Eu estava certo sobre a morte, sobre o término de minha existência."

"Eu não vou interferir com a sua escolha, meu amor."

"Você não vê que já tem? Eu não posso tomar essa decisão com base em mim mesmo por mais tempo."

A alma de Jorge subiu, mas parou no meio do voo enquanto as palavras de Dane afundaram. Ele não tinha a intenção de influenciar Dane e amaldiçoar-se um tolo por acreditar que qualquer coisa sobre isso seria fácil, uma vez que estiveram juntos. "Devo ir? Diga-me, e eu vou."

"Que bem faria isto agora?"

"Eu não vou pedir desculpas pelo último par de dias, Dane. Eu não trocaria qualquer parte do nosso tempo juntos, para tornar as coisas mais fáceis a você."

"Eu não faria isso, tampouco. Você não entende isso? Eu não trocaria ou alteraria qualquer parte dos últimos dois dias."

"Então o que você quer que eu faça?"

"Mate-me."

"Eu não posso. Eu não farei."

"Você pode."

"*Seja cuidadoso com o meu coração.*" Jorge disse suavemente, sua alma rasgando em duas. A dor de Dane era uma coisa real, perto tangível pendurado entre eles. "Tenha cuidado com o meu coração." Ele sussurrou, traduzindo as palavras contra os lábios de Dane.

"Isso é injusto, Jorge. Bonito, mas injusto."

"Eu não posso te matar, meu amor. Mas não vou impedi-lo de acabar com você mesmo, se for preciso."

"Eu nunca quis isso. Para não machucar ninguém. Não te machucar. Não viver para sempre, sem saber quem eu sou, de onde eu vim."



"Eu sei."

"Eu nem sei quantos anos eu tenho hoje."

"Nos anos de vampiro você tem 127. Você não parece muito mais velho do que eu era quando fui transformado aos vinte e cinco. Você estava completamente crescido, mais do que um adolescente, muitos anos mais jovens do que a meia-idade."

"Os aniversários são para a celebração e me acho vazio."

"Então, talvez, antes..." Jorge não podia levar-se a dizer as palavras. Ele respirou fundo e tentou novamente. "Talvez você devesse experimentar coisas que a maioria iria fazer em seu aniversário. Você gosta de café. Faça-se um pouco. Você pode ter bolo ou uma grande festa. Você pode caminhar na luz solar e sentar-se no parque. Você pode fazer qualquer coisa que quiser hoje."

"Mas você não pode. Você não pode andar no parque comigo ou no sol e eu não tenho nenhum desejo de fazer qualquer um destes sozinho. Você não pode comemorar, compartilhando bolo comigo ou com uma refeição abundante. Não pode ficar comigo e agora que te conheci, eu quero você comigo."

"Eu posso estar nas sombras desta bela cidade, observando."

"Isso não é bom o suficiente, Jorge." Dane levantou-se dos braços de Jorge e caminhou pelo chão. "Esta meia vida está toda errada e não é bom o suficiente. Eu sinto dor e tristeza. Eu sinto raiva e angústia. Sinto o sangue batendo em minhas veias e meu coração batendo. Eu me sinto vivo, gloriosamente e dolorosamente vivo. E não quero isso. Eu não sei como existir desta forma, também."

"Você já tentou alguma vez...? Alguma vez já perguntou aos anjos ou demônios se existe uma maneira de obter as suas memórias de volta?"

"Os anjos disseram que eu nunca falasse sobre isso em sua presença, que as respostas estão na morte. Os demônios disseram que têm formas de acessar o que foi perdido, mas não sem consequências de cima e que não iriam arriscar."



"Então, a morte é com o que foi deixado." Jorge disse as palavras firmemente, fortemente. Obrigou-se a acreditar nelas, quis Dane acreditar nelas também. Ele se levantou e foi até onde Dane levantou, tomou o rosto do vampiro loiro em suas mãos e beijou-o com ternura. "Seus negócios e ativos estão atendidos?"

"Sim. O restaurante vai para Richard, meu gerente. As transferências da livraria para uma sociedade administrada e detida por Roberto. Ele também receberá as tapeçarias. E minhas outras empresas vão ser dispersas entre vários outros, incluindo você."

"Eu?" Jorge estava confuso com o gesto inesperado.

"Sim. Eu possuo uma pequena alfaiataria em uma pequena cidade italiana. O trabalho é excelente e isto se tornará seu. Você ama um bom terno, o mesmo que eu. A clientela é uma lista exclusiva que tem sido anos na tomada."

"Dane, eu..."

"Você deve ter um hobby, Jorge." Dane disse, cortando Jorge. "Algo para mantê-lo de apuros. A cobertura, também, e o hotel. Também são seus. Isto iria para a empresa de Roberto, mas não. Eu quero você aqui, mas agora que penso sobre isso, eu..." Dane balançou a cabeça e baixou o olhar.

Ele não tinha ideia do que dizer, então disse a única coisa que podia. "Obrigado, meu amor."

Meu amor.

Jorge tinha estado lhe chamando assim há quase três dias. Interiormente, Dane tinha se recusado a ele, o medo agarrando-o com a menção de amor, mas agora? Agora apreciava, acumulava a frase, enterrou-a no seu coração para manter com ele, até seu último suspiro.

Ele dormiu a noite toda. Seu corpo desgastado, uma vez que tinha atingido a meia-noite. Cada pedaço de exaustão humana tinha lavado sobre ele e tinha sido incapaz de lutar contra isso. Jorge em sua cama, observando-o, segurando-o tinha induzido a paz. Foi a primeira vez que conseguia se lembrar da sensação em todos os anos, desde que ele tinha



sido transformado. Foi o que ele estava procurando, querendo por tanto tempo e no momento em que sentiu, sucumbiu a isso.

Luz solar brilhava na superfície do rio e desejava sair para isto, senti-lo em seu rosto. Desejava tomar Jorge com ele, mas não podia. E não queria Jorge nas sombras.

"Um vampiro pode ser refeito?"

"O que?"

"Um vampiro pode ser refeito?" Dane não sabia onde a questão tinha vindo ou porque tinha tomado conta de sua mente, mas isto tinha e não pôde se abalar.

"O que você quer dizer? Refeito?" O tom de Jorge era desconfiado e Dane não podia culpá-lo. Era uma pergunta pouco convencional, mas suas circunstâncias foram se tornando cada vez mais insuportáveis a cada dia. Ele queria uma vida completa ou mesmo nenhuma.

Então, há Jorge.

"Eu sou humano. Se eu tivesse que escolher me tornar um vampiro hoje, você poderia fazê-lo? Você poderia me refazer? Será que as lembranças de hoje estariam intactas? De ontem? Da minha vida como tem sido, desde que fui transformado em 1889?"

"Eu não sei."

"Você estaria disposto a tentar?"

"Dane, eu não entendo. Porque isso? Porque agora?"

"Como você, eu não sei. Eu quero saber se vai funcionar."

"Pode te matar e eu disse que não posso fazer isso."

"Pode me salvar. Pode ser a única maneira de me salvar. Leve-me para Roberto. Talvez ele vá saber."

"Você está falando sério."

"Eu estou."

"Você pode querer trazer uma daquelas tapeçarias com você, então. E não estamos tomando o caminho mais longo." Jorge puxou o rosto de Dane e beijou os lábios, punindo e Dane congratulou-se com a mordida afiada de dor. Ele fechou os olhos enquanto Jorge beijou



novamente, desta vez com ternura doce e um abraço dolorosamente feroz. "Nós estamos aqui." Sussurrou Jorge.

Quando Dane abriu os olhos, eles estavam em um túnel, escuro e úmido. Jorge pegou sua mão e começou a andar. Lâmpadas a luz de velas e de óleo acendeu alcovas e salas. Mais túneis interromperam e feriam em labirintos mais longe do que os olhos de Dane podiam ver. "Eu não estava ciente de que saímos da cobertura. E eu nunca estive aqui."

"Você deveria ter tentado seus poderes de vampiro por mais do que atravessar oceanos apenas. São bastante surpreendentes. E se você nunca esteve aqui, como conseguiu os barris de sangue?"

"Roberto tem pessoas."

Jorge riu. "Claro que ele tem."

Eles viraram a esquina e no final de um pequeno túnel estava a primeira tapeçaria que Dane tinha trocado. "Este é o lugar onde ele mora?"

"Sim, mas eu imagino que se você lhe deixasse a livraria, ele vai encontrar um túnel que o leva sob ela e vai morar lá."

"Parece provável, agora que penso sobre isso e vi este lugar."

"Roberto?" Jorge gritou. Em segundos, o vampiro italiano apareceu. Dane só o tinha visto algumas vezes, mas ele sempre foi atingido pela beleza crua e masculina de Roberto. Ele era o epítome do romantizada italiano.

"*Mi amico*. Ah, e Dane." Roberto sorriu e respiração de Dane pegou. "É um prazer vê-lo."

"Dane tem uma pergunta e você é o único que se possa pensar em perguntar."

"Por favor. Pergunte-me qualquer coisa. Venha, sente-se." Roberto levou-os para uma sala cheia de barris de vinho. As paredes estavam forradas com três das outras tapeçarias e Dane ficou maravilhado com o calor, no conforto no pequeno espaço de pedra.

Jorge firmou o quadril em um dos barris deixando Dane para sentar-se em frente a Roberto, em uma grande mesa esculpida. "Como você conseguiu isso aqui?"



Roberto deu-lhe um olhar perplexo. "Essa é a sua pergunta?"

"Não, eu estava curioso. Desculpe-me."

"De modo nenhum. Não foi fácil, eu vou dizer. Meus homens me amaldiçoaram por um mês, depois eles conseguiram isso aqui, mas desde então têm encontrado outras coisas para me amaldiçoar."

"Certo. A minha pergunta... Pode um vampiro ser refeito em seu aniversário?"

"Assim como você? Hoje?"

"Sim."

"Será que vai matá-lo?" Jorge perguntou de onde estava sentado.

"Eu temo que não saiba. Eu nunca conheci ninguém que tenha tentado ou que tenha sequer pensado em tentar. Quão sério é essa pergunta?"

"Muito." Dane pronunciou rapidamente.

Roberto encarou Dane por um longo momento. "Você estaria disposto a buscar para ser transformado?"

"Sim." A resposta veio rápida e segura.

"Por quê? Por que você faria isso quando têm desejado morrer por tanto tempo?"

Dane virou a cabeça na direção de Jorge. "Porque eu o conheci."

"Ah, o *amoré*."

"Não, mas a possibilidade existe. Eu quero conhecer a paz e quero saber se posso tê-la por ter isso transformado, por opção."

"Eu temo que não possa te responder, mas vou oferecer-lhe toda a assistência de que necessita. Você deseja ser transformado por Jorge?"

"Sim." Dane respondeu sem hesitar.

"E o que você acha disso?" Roberto perguntou, olhando por cima da cabeça de Dane em Jorge.

"Eu não posso matá-lo."

"Talvez isto não vá, Jorge. Você não pode..."



Jorge zombou. "E talvez isto vá." Sua voz tinha a mistura de medo e esperança, dois sentimentos que Dane compreendia bem. Mas se ele fosse viver com qualquer tipo de paz e descobrir que o amor poderia florescer entre os dois, esta era a única maneira. "Dane." Jorge disse com um suspiro. "Isto pode não funcionar."

Roberto olhou para Dane em confusão e Dane sorriu. "Ele gosta de ler os meus pensamentos de vez em quando."

"Esse é um *bad boy*."

Dane riu. "Sim ele é."

"*Mi amico...*" Roberto começou, de pé e caminhando em direção a Jorge: "Você não está interferindo, se é isso que ele está perguntando a você. Quer que ele fique?"

"Sim, claro, eu quero."

"Então, vamos tentar aqui. Vamos deixá-lo confortável e estarei com você. Vamos fazer isso juntos."

"Mas e se ele morre?"

"Então ele vai ter encontrado o que tem procurado todos estes anos. E se ele sobreviver, pode também tê-lo encontrado."

"Por favor, Jorge." Disse Dane da mesa.

"Isso é injusto, meu amor. Você sabe que eu não consigo resistir quando me pede: *por favor*." Jorge encarou Dane por um longo e silencioso momento, mas finalmente acenou com a subida. "Vou tentar, mas se você morrer? Eu estou indo atrás de você."

Dane sorriu. Pela primeira vez, ele sentiu o que só poderia ser descrito como euforia. "Estarei esperando."

"O que você sugere?" Jorge perguntou a Roberto.

"Seu pescoço. Onde o pulso bate, perto de sua jugular. O sangue que corre lá é mais rico, mais puro do que de seu pulso. No entanto, vou agarrar seu pulso, se eu precisar ajudá-lo de alguma forma."



Jorge concordou com a cabeça e puxou Dane da cadeira, então estabeleceu Dane em seu colo. Abaixo dele, o pênis de Jorge era sólido e Dane se mexeu, arrancando um gemido de seu amante. "Não seja atrevido comigo, só porque você está recebendo o seu caminho."

Dane riu e beijou suavemente Jorge. "Obrigado." Disse ele com um sussurro.

"Você é bem-vindo." Jorge sussurrou de volta. "Por favor, não morra, meu amor." Ele abaixou a cabeça para a garganta de Dane. "Por favor, não morra."

Essas foram às últimas palavras ouvidas por Dane, quando os lábios entreabriram e pele quebrou debaixo das presas.



Epílogo

Dane se acomodou no banco de jardim em *Oglethorpe Square*, ao lado de Jorge, que imediatamente levou sua mão. Era fim de tarde e o sol estava se pondo. Isto parecia ainda mais frio que no ano passado nesta mesma época. "Tem sido um ano e a maioria dos anjos ainda não vieram falar comigo."

"Você me escolheu sobre a morte. Você tinha que saber que iria perturbar o equilíbrio das coisas."

"Eles ainda poderiam ser cordiais."

"Há outros escritórios de advocacia para lidar com o negócio de alguém como você."

"Há." Dane concordou.

Era seu aniversário. Seu aniversário humano. Seu aniversário imortal. Ele tinha jogado e tinha ganhado. Jorge tinha lhe pedido para não morrer e Dane não morreu. Essas foram às últimas palavras que ouviu e a última coisa que sentia era a dor penetrante de presas de Jorge em seu pescoço. Ele tinha acordado horas mais tarde em sua cama na cobertura, Jorge e Roberto ao seu lado e um sentimento diferente dentro de seu corpo, sua mente, sua alma.

Ele tinha lembranças do tempo que tinha sido transformado pela primeira vez, mas dentro de alguns meses, descobriram as memórias de sua vida antes de começar retornaram.

A primeira tinha sido no dia anterior quando foi tomado e forçado na vida de um vampiro. Tinha sido para o esporte, os jovens vampiros alimentando-se e transformando os outros, sem perceber o que estavam fazendo. A memória tinha chegado a ele em um sonho, um pesadelo que o tinha deixado se contorcendo de um sono que não podia acordar, até que estava acabado.

Mas a parte do sonho que tinha realmente sido um sonho e uma memória, era que ele era dono de uma livraria e viveu acima dela. Ele era um comerciante simples. E tinha uma



família que não conseguia se lembrar. Pais, irmãos. Ele viveu em *Bath*, não muito longe de onde tinha acordado no dia seguinte.

Desde a primeira memória, outras haviam começado a se formar e tomar forma, enchendo-o de luz e serenidade. Ele já não odiava sua vida como um vampiro e teve Jorge para agradecer por uma grande parte disso.

Ele...

"Pelo menos eu valho alguma coisa."

"Na minha cabeça outra vez, amor?" Dane julgou por um tom exasperado, mas falhou completamente. Sabia que quando ficou muito quieto por muito tempo, Jorge escorregou em seus pensamentos para se certificar de que ele estava bem. Dane sabia que não poderia ter solicitado um melhor homem em sua vida, se tivesse sido capaz de escolher Jorge fora de um catálogo.

Conforme suas lembranças haviam retornado, tinham visitado *Bath*, permitindo Dane refazer os passos de sua vida humana. Ele encontrou os túmulos de sua família, finalmente capaz de honrá-los como um filho deveria. Eles tinham comprado a propriedade em *Bath*, também. O edifício onde sua livraria tinha sido uma vez e a propriedade onde as ruínas da casa de campo que tinha acordado.

"Ainda estamos indo para *Portugal*?"

"Nós estamos. Amanhã." Respondeu Jorge. "Eu quero mostrar o meu país, onde era minha casa, onde cresci e percorri."

"Eu não sabia que era possível ser um vampiro e amar." Disse Dane.

"Eu sei. Nem eu pensei. E não mudaria nada."

"Não. Se eu tivesse de admitir qualquer coisa, gostaria de admitir que não faria também. Eu odiava minha existência, mas isto me levou até você. Eu tinha que ser transformado e viver como fiz, a fim de conhecê-lo. Você mudou a minha para sempre, Jorge. Você soprou nas sombras da minha mente e alma, e me libertou."



"Você tem lido os seus livros de novo, não é?" Jorge brincou, inclinando-se para dar um beijo na boca de Dane.

"Sim."

"*Minha alma é sua e meu corpo também.*" Jorge sussurrou as palavras e baixou os lábios no caminho, dando vida local no pescoço de Dane. "A minha alma é sua. E meu corpo, também."

"Você deve fazer o seu corpo meu presente de aniversário." Disse Dane, de pé e trazendo Jorge com ele.

"Eu deveria?"

"Sim."

"Nunca diga que deixei um vampiro decepcionado em seu aniversário."

Dane riu das palavras idênticas e próximas, que Jorge tinha dito um ano atrás, quando eles tomaram um caminho idêntico perto de volta para a cobertura que agora partilhavam.

Ele nunca tinha sido decepcionado com Jorge e nunca mais teria o descontentamento com a sua existência como um vampiro. Das sombras, ele tinha trazido amor e paz.

FIM





Próximos:

